NÚMERO 61 | 15 DE DEZEMBRO DE 2007 A 15 DE JANEIRO DE 2008 | 1 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

"A criaçom da Cátedra foi umha questom de justiça histórica, conseguida depois de anos de muitas amarguras"

Álvaro López Mira, director da Cátedra Alexandre Bóveda | PÁGINA 15 |

Consenso político anula potencial mobilizador contra o processo de Bolonha

A partir de 2011 a Universidade já nom será como a conhecemos. A padronizaçom do ensino superior no conjunto da Europa assenta num esquema político e económico liberal que a desfigurará totalmente. Na opiniom de muitos e muitas estudantes, e sem estarem ainda demasiado concretizados os termos em que a reforma está a ser levada a cabo, os estudos universitários converterám-se numha espécie de "moeda comum europeia". Assim, como noutros sectores produtivos, é provável que muitas faculdades venham a fechar, e os estudantes entrarám nas que ficarem para "comprar um posto de trabalho". As intençons do processo, conhecido como 'de Bolonha' estám a verificar-se já no dia-a-dia universitário, com a progressiva substituiçom das bolsas de estudo por empréstimos com entidades bancárias (nomeadamente o Banco Santander), a obrigatoriedade de freqüentar um Mestrado Docente para poder dar aulas, que aumenta em 300% o valor da inscriçom em relaçom ao actual CAP, e até na privatizaçom da aquisiçom de publicaçons pola Universidade. Todo isto está a ser mascarado na impossibilidade de opor-se a decisons supostamente tomadas em Bruxelas.

Contra isto, tenhem-se levantado mui poucas vezes, e na Galiza nengum dos três partidos políticos parlamentares apoiam a luita que diferentes assembleias de Faculdade estám a protagonizar em Compostela. Apesar do seu activismo, tampouco este movimento está a conseguir aglutinar o estudantado como poderia esperar-se. A falta de apoio político e a escassa vida universitária de qualquer estudante (4-5 anos) fam com que a reforma seja vista ao longe (2010-2011). Mas mais grave ainda é que os estudantes que se incorporarem a partir de agora talvez a vejam como demasiado próxima. / Pág. 9

Detenhem independentistas acusados de preparar um ataque contra interesses imobiliários

Dous deles entram em prisom e um terceiro sai em liberdade depois de depositar umha fiança de 6.000 euros / 4

Em pouco mais de 30 anos, Ortega conseguiu ser o maior milionário do Estado

AMANCIO ORTEGA GAONA: O IMPERADOR MAIS BLINDADO

A verdadeira origem do maior empório empresarial do Estado espanhol

Por mais que seja apresentado como o empresário galego modélico, há algumha cousa que nom calha bem na vertiginosa ascensom económica de Amancio Ortega. A primeira loja da Zara abria as portas na rua corunhesa de Juán Flórez em 1975. Desde o primeiro momento renunciárom à publicidade convencional para se promocionarem, e em vez disso optavam por colocar os estabelecimentos comerciais nas principias ruas das cidades, onde o valor da abertura dos mesmos anda à volta dos 300 milhons das antigas pesetas. Em pouco mais de 30 anos, Ortega conseguiu ser o maior milionário do Estado, através do entramado empresarial Inditex, tendo aberto já 3.600 lojas em 66 países. Trata-se de um fenómeno absolutamente inaudito no sector têxtil, que difícilmente pode explicar-se só com a venda de peças de roupa. A exploraçom maciça e calculada, contar com fortes injecçons de capital para o crescimento e umha apuradíssima maquinaria empresarial ao seu serviço, que lhe permitiu multiplicar os lucros, som alguns dos elementos necessários para entender a origem deste enorme investimento. Mas mantenhem-se ainda demasiados interrogantes sobre a sua acumulaçom de capital. Neste número pomos a descoberto alguns deles, introduzindo-nos na aparentemente impenetrable rede empresarial e jurídica de Amancio Ortega, umha personagem 'omnipotente' que se tornou intocável para o poder e permanece blindada para a opiniom pública. Por isso mesmo, talvez nos reserve mais supresas das esperadas. / Pág. 11

E AINDA...

Cangas, Monte Ferro, Bouças e Teis, quatro batalhas ganhas polas luitas populares na ria de Vigo / 10

O COLECTIVO FERVESTEIRO anuncia a abertura de um novo centro social em Ferrol / 05

A CONSELHARIA DO MEIO AMBIENTE autoriza caçadas de lobos no concelho de Muras / 06

CORRUPÇOM URBANÍSTICA SALPICA nacionalismo autonomista no governo de Mugardos / 06

Opinions de: *Santiago Alba Rico, Elvira Riveiro Tobío, Valentim R. Fagim e Quico Cadaval*

NOVAS DA GALIZA
15 de Dezembro de 2007 a 15 de Janeiro de 2008

Utopias Cumpridas

SANTIAGO ALBA RICO

O mais temido ocorre sempre, dizia Kafka. Muito pior: o mais desejado também.

Havia umha vez um homem que almejava trabalhar menos e o capitalismo deixou-no no desemprego.

Havia umha vez um homem que sonhava em viajar mais e o capitalismo meteu-no numha 'patera'.

Havia umha vez umha mulher que buscava amor e o capitalismo arrojou-na à prostituiçom.

Havia umha vez umha mulher que desejava umha máquina de coser e o capitalismo encadeou-na a umha maquia.

Havia umha vez umha criança que desejava que o seu pai nom lhe batesse e o capitalismo deixou-na órfa.

Havia umha vez umha meninha a que nom lhe apetecia estudar matemática e o capitalismo bombardeou a sua escola.

Havia umha vez um homem e umha mulher e um meninho e umha meninha que desejavam viver felizes e livres de preocupaçons e o capitalismo deu-lhes a televisom.

Havia umha vez um presidente dos EUA que tinha no seu gabinete umha lámpara, esfregou-na com a manga e saiu um génio: "Pede três desejos e concedo-chos". "O nosso desejo", respondeu o magnate em nome do seu país, "é ter mais desejos. Já nos ocuparemos nós de que se cumpram". E o génio cedeu-lhe todos os sonhos, todos os pensamentos bons, todas as imagens nobres da Humanidade para que materializasse a sua destruiçom ao rés da terra.

****

Há que ter muito cuidado com o que se deseja porque pode vir Monsanto (o Repsol o o Pentágono) e torná-lo realidade. Nom há um só anelo decente concebido por um homem bom ou por um povo sedento, nom há umha só utopia libertadora excogitada nos últimos 8.000 anos, que o capitalismo nom tivesse tornado realidade sob a forma de umha maldiçom. Os mitos de cornucópias, mesas sempre cobertas de viandas e cofres sem fundo fôrom cumpridos sob a forma de umha abundância assassina que gera 6.000 milhons de toneladas de lixo por dia e mata de fome todos os anos 10 milhons de pessoas. O sonho de umha tecnologia libertadora de braços e multiplicadora de tempo aterrou no inferno das maquiadoras e das oficinas flutuantes e nas misérias do desemprego. A utopia de umha Natureza dócil, dúctil, adaptada às necessidades dos seres humanos tornou-se de facto na dissoluçom dos glaciares, a extinçom de milhares de espécies e o deslocamento de populaçons assaltadas por tsunamis e desertos. Por volta de 1820, o socialista utópico Charles Fourier antecipou o desenho de umha sociedade idílica em que os homens poderiam regular o clima, ajustar as estaçons e modificar a capricho a meteorologia para poder comer cereijas em Janeiro e produzir trigo todo o ano. A mudança climática é agora umha realidade ameaçadora e nom só como efeito colateral de umha desbocada economia de destruiçom generalizada, mas como umha premeditada acçom de guerra. Desde 1992, o programa HAARP do Ministério da Defesa dos EUA investiga na Alaska o desenvolvimento de "armas climáticas" capazes de gerarem chuvas, nevoeiro e trovoadas e de modificarem o clima exterior com o propósito – di Michel Chossudovsky – "de desestabilizar economias, ecossistemas e a agricultura", e de "devastar os mercados financeiros e comerciais e aumentar a dependência alimentar". A grande utopia mística de um retorno humano à Natureza inverte-se e realiza-se nesta definitiva dissoluçom da Natureza – ao contrário – nas malhas da tecnologia humana. A mudança climática, subsidiária ou premeditada, constitui a última reviravolta de umha economia que, baseada na erosom material de todas as diferenças (guerra/paz, destruiçom/produçom, comer/usar/olhar), acabou de derrubar a última delas: a que separa a morte natural da morte provocada. Depois de inteiramente derrotada a Natureza... será que se poderá continuar a falar de 'mortes naturais'? Mas se nengumha morte é já 'natural', se nom conseguimos distinguir já as que o som das que nom o som... nom será precisamente porque o capitalismo se tornou mais natural do que a própria Natureza?

****

Temos que ter cuidado, em qualquer caso, com o que desejamos. Havia umha vez um homem chamado Mohamed Farag que viajou a um casamento em Jordánia e foi detido, torturado e entregue em segredo à CIA. Durante 19 meses desapareceu num esgoto escuro sem acusaçom nem processo; encadeado à parede de umha cela, com a luz acendida dia e noite, aturdido pola estridência de umha música contínua, tentou suicidar-se duas vezes e inclusive isso lhe impedírom. Durante esse tempo nom viu mais nada que os seus verdugos e nom saiu senom para ser interrogado; e tanta era a sua desesperaçom, tanta era a sua soidade, tam horrível a sua sensaçom de estar morto e enterrado numha tumba como expressa esta frase quase poética na sua eloqüência negra: "Cada vez que via umha mosca na minha cela enchia-me de alegria".

Que nom se inteire, por favor, a CIA. Ou pode ocorrer que as centenas – ou milhares – de desaparecidos em cárceres secretas vejam cumprido este desejo e tenham que expiar a sua inocência numa cela invadida por umha praga de moscas.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: **pelourinho@novasgz.com**

MASSÓ: ZONA VERDE JÁ

Numha reuniom de representantes do Foro Social com os porta-vozes dos grupos municipais, foi transmitido a estes, em primeiro lugar, informaçom sobre as diferentes afecçons que pesam sobre a Unidade de Actuaçom 27: de solo de protecçom de espaços naturais, desde Areia Milha até os terrenos da Baleeira; de domínio público marítimo-terrestre, todos os terrenos ganhados no seu dia ao mar, que incluem quase 4.000 m2 da nave principal; de protecçom de Costas, ao corresponder ao terreno a classificaçom de rústico; a impossível inclusom de vias e caminhos públicos, já englobadas de modo irregular nas escrituras de Massó Hermanos; ou a inclusom de terrenos expropriados no seu dia para habitaçons sociais.

Também foi comentada a ilegalidade manifesta da concessom do porto desportivo, ao nom dispor a Autoridade Portuária dos necessários terrenos em terra e no mar para convocar um concurso para a realizaçom de um porto desportivo ou nom estar este uso presente num Plano de Usos aprovado.

Por outra parte, o convénio assinado entre Sotelo e Frigoríficos carece de qualquer validez. Sete dias antes da assinatura, a Autoridade Portuária aprovava a transmissom da titularidade da concessom sobre os terrenos que figuram no convénio a umha terceira empresa, de maneira que Frigoríficos nom estava legitimado para a assinatura.

Ressaltou-se ademais a mui significativa presença da fábrica Massó nas propostas do Património Industrial Espanhol, que seleccionara somente quatro objectivos em toda a Galiza, e a multiplicidade de valores naturais e etnográficos a preservar e potenciar.

Por todo isto, e devido à necessidade de que o Plano Geral que agora começa a sua tramitaçom encontre terrenos que cubram o défice de Cangas de zonas verdes, défice que já o plano rejeitado calculava em 2004 em 270.000 m2 (15 m2 por cada 100 construídos), e adiantando que o Foro Social nom aceitará que se disfarce esse défice com terrenos no monte afastados da populaçom e que nom tenham as características de parque público, reclamou-se aos representantes que acudírom (nom entendemos a razom da ausência de Sotelo) que se faga umha aposta clara na qualificaçom dos terrenos como de espaços livres no Plano Geral que começa e mesmo se solicite à propriedade a sua cessom, ao mesmo tempo que é preciso reclamar a limpeza e cuidado de umha zona que se encontra em estado de total abandono (pensamos que deliberado).

Argumentamos que nom entendemos que elementos de negociaçom pode apresentar a propriedade actual para umha hipotética requalificaçom como residencial quando o que comprárom foi uns terrenos numha unidade de actuaçom qualificada como industrial em 90% e residencial em 10% (e já som residenciais os terrenos comprados dentro da unidade polos ex-trabalhadores).

Advogamos a discusom sobre a utilizaçom destes terrenos no seio da redacçom do Plano Geral que agora começa ou o desenvolvimento de um Plano Director de recuperaçom como estava previsto nos planos do Património Industrial Espanhol.

Foro Social de Cangas

Escritura, vaidade e autocrítica

ELVIRA RIVEIRO TOBÍO

◆

"PRATICAR A AUTOCRÍTICA NOM É DOADO. A VAIDADE É CAPAZ DE NOS PERDER E APROVEITA-SE BEM DISSO QUEM FAI DA ADULAÇOM A SUA PRINCIPAL ARMA DE SEDUÇOM. JÁ NO-LO ADVERTIA LA FONTAINE NA CÉLEBRE FÁBULA "O CORVO E A RAPOSA", QUANDO A RAPOSA, COM O SEU AFAGO, CONSEGUIU QUE O CORVO ABRISSE O BICO E DEIXASSE CAIR O QUEIJO APETECIDO"

◆

Querer dar a conhecer o que foi escrito na soidade e intimidade do recanto privado é já, de por si, um acto de vaidade. Quando pretendemos enviar um livro ao prelo, ou a um certame literário, é porque cremos que merece ser publicado ou premiado. Merece ser lido. Merece um lugar nas bibliotecas. Talvez, também, um lugar na história da Literatura...

Aí finaliza, ao meu ver, o lado aceitável da vaidade do escritor ou da escritora. Sem esse chisco de vaidade nom chegariam a nós as grandes obras da literatura universal (nem as grandes nem nengumha, na realidade). Mas nos melhores poemas, relatos e romances que até nós chegam tivo que funcionar, com certeza, a autocrítica. Sem esta, os textos nom seriam corrigidos, revistos, questionados, aperfeiçoados, relidos até se aproximarem do objectivo perseguido. A história da Literatura deixa-nos a cada passo exemplos de autores quiçá demasiado críticos com a própria obra (Platom prendeu lume aos seus poemas despois de conhecer Sócrates; Kafka, antes de morrer, deixou instruçons para que fossem destruídos todos os seus manuscritos; o escritor húngaro Sándor Márai quijo algumha vez queimar a sua obra, o mesmo que Nathaniel Hawthorne, que deixou que o fogo acabasse com a sua primeira colecçom de relatos, Seven Tales of my Native Land...). Ao lado destes autocríticos ferozes, todos sabemos de alguém que, demasiado condescendente consigo mesmo, nom é capaz de pôr couto aos seus desatinos (e porque nom queimaria os seus ressessos poemas aquela escritora folhetinesca, ultracatólica e fascista? pregunto-me às vezes).

A autocrítica (por favor, nom confundir com a autoflagelaçom) deveria converter-se num dos exercícios mais praticados por qualquer pessoa que decida oferecer ao mundo os seus escritos. Mas nom só. Cumpriria mesmo que fosse matéria de estudo no ensino secundário obrigatório, pois nota-se demasiado a sua falta, nom só no ámbito literário, senom também nos mais diversos campos da actividade humana (dê-se umha vista de olhos, sem ir mais longe, aos políticos). "Autocrítica. Teoria e Praxe" seria umha boa denominaçom para a matéria em questom.

Praticar a autocrítica nom é doado. A vaidade é capaz de nos perder e aproveita-se bem disso quem fai da adulaçom a sua principal arma de seduçom. Já no-lo advertia La Fontaine na célebre fábula "O corvo e a raposa", quando a raposa, com o seu afago, conseguiu que o corvo abrisse o bico e deixasse cair o queijo apetecido: "Todo o adulador vive a expensas de quem o ouve". Sempre há quem, conhecedor das misérias humanas, sabedor de que a vaidade é capaz de vencer até espíritos aparentemente humildes, nom deixa passar a ocasiom para tirar proveito. Se a autocrítica funciona, o adulador está perdido, pois verá como se esvaem as ánsias de cobrar os seus falsos elogios (a gabança imerecida nom deixa de ser umha dívida que algum dia vai querer cobrar quem a profere).

- O teu é o melhor romance dos últimos cem anos. Escrevendo tam bem poderás chegar onde quigeres...

Freud enganava-se quando afirmava que estamos indefesos perante o elogio. Sempre podemos defender-nos com autocrítica e inteligência.

- Entom, em que posto ficariam A Montanha Mágica *de Thomas Mann,* Cem Anos de Soidade *de García Márquez e* Auto de Fé *de Elías Canetti? Pensas que me chegam á sola do sapato? E, bem, chegar, o que se di chegar, nom pretendo chegar a nengumha parte: apenas continuar a caminhar.*

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Xiana Árias, Sole Rei, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto, André Casteleiro, José E. Vicente, Xabier Xil

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 20/12/07

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal), Jon Etxeandia (País Basco) Juanjo Garcia (Países Cataláns)

COLABORAÇONS
Opiniom. Maurício Castro, X. Carlos Ánsia, Maria Álvares, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Germám Ermida, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. Blasco 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronologia.** Iván Cuevas. **Música**. Jacobe Pintor. **Galiza Natural**. João Aveledo. **Sexualidade**. Beatriz Santos. **Língua Nacional**. Valentim Fagim. **Descobre o que sabes**. Salva Gomes. **Desportos**. Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cozinha**. Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves,
GZI, Xavier Sampil

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho, Aduaneiros sem Fronteiras

CORRECÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto, Fernando Vázquez Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. A informaçom continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

RACHAR O SILÊNCIO

Vivemos bombardeados pola saturaçom de imagens, a chuva de palavras, o domínio da opiniom efémera e a conversa intrascendente. Do tema mais dramático à anedota mais insubstanciosa, todo passa pola 'batedora' mediática para alcançar ecos e prestígios. E nas tevês, na rede ou nas rádios onde, independentemente da sua entidade, qualquer cousa ganha estatuto de importância.

Porém, e contra o que costuma dizer a correcçom política, ainda há temas confinados ao silêncio. Face à saturaçom de sentidos por sobreinformaçom, o poder decide manter parcelas mui específicas fechadas ao foco mediático e confinadas ao tabu. Umha, sobradamente conhecida, é a parcela da monarquia e a sua blindagem jurídica e jornalística. E outra, mais galega, mas de projecçom universal, é a que atinge ao empório Inditex e à figura de Amancio Ortega. NOVAS DA GALIZA dá um passo de certa valentia ao se meter no quarto proibido.

Nesta empresa com sede em Arteijo condensam-se as virtudes do que alguém chamou 'turbocapitalismo': o domínio acelerado do dinheiro, do sucesso pessoal elevado a paradigma para todos, e da submissom de todos os criadores de opiniom à ditadura das finanças. Da extrema direita confessa à esquerda morna, da imprensa de ordem ao progressismo de manual, todos coincidem na exaltaçom do 'milagre Inditex' como encarnaçom de umha Galiza do futuro. Na realidade, nem Inditex é estritamente galega, nem o êxito económico está livre de suspeitas. Até o momento, a produçom jornalística a respeito deste empório incotestado obedeceu cegamente os interesses da empresa satisfazendo a sua estrategia de imagem. Os pequenos assomos de informaçom independente sofrêrom pressons empresariais e judiciais que deixárom todo como estava. Agora, a imprensa crítica galega pom ordem num puzle complexo e contribui com informaçom para o debate. A maior garantia da liberdade de expressom é o seu exercício sem complexos.

PEPE CARREIRO

NOVAS DA GALIZA
15 de Dezembro de 2007 a 15 de Janeiro de 2008

NOTÍCIAS

Agentes espanhóis procuram pessoas capazes de colaborar com a repressom a cámbio dum emprego público

Oferecem emprego público em troca de infiltraçom policial

Oferecem a estudantes "arranjar" oposiçons a cámbio de informaçom e colaboraçom contra a mocidade independentista

REDACÇOM / A.Q.F. tem 22 anos, estuda Direito, colabora com o organismo antirepressivo Ceivar e participa assiduamente nas actividades dos centros sociais. Recebeu umha chamada em nome de umha suposta assessoria jurídica para começar a desenvolver um trabalho em práticas. Já confirmado o encontro, os interlocutores apresentárom-se como "pessoas do Ministério do Interior". Dixérom-lhe que podiam "meter a mao numhas oposiçons" para assegurarem o seu futuro laboral, sempre em troca de ele colaborar com a polícia espanhola contra o movimento independentista.

Polas palavras dos supostos agentes, "nom teria que mudar de vida", apenas receber dinheiro polos seus serviços e informar pontualmente sobre certas pessoas do independentismo juvenil, nomeadamente da organizaçom AMI. Os interlocutores de A. Q. F. dixérom-lhe também que "lhe convinha mudar de companhias" e abandonar os seus vínculos políticos, se nom queria arranjar problemas. Revisárom a sua situaçom familiar e laboral, procurando pressionar e demonstrando assim o prolífico seguimento – absolutamente ilegal – de pessoas que nom estám imputadas em nengum sumário.

Segundo declara o militante, o interesse dos agentes centrava-se em "actividades políticas e legais", sem fazer referência à questom das sabotagens independentistas. Num tom aparentemente amável, os supostos representantes policiais manifestárom que nom tinham "nada contra os independentistas 'bons' e as suas organizaçons", mas estavam "mui preocupados com os mais radicais", dizendo "trabalhar para ilegalizá-los".

Contodo, o mais chamativo do caso nom é a perseguiçom de opçons políticas, nem tampouco a violentaçom da intimidade de pessoas pola sua filiaçom ou laços familiares. Estas som práticas polas quais se tornou conhecida a polícia espanhola em dúzias de ocasions. O destacável é que uns presuntos representantes da legalidade espanhola postulem práticas abertamente ilegais, como é o 'arranjo' de umhas oposiçons de livre acesso para ganharem um colaborador.

Medidas de excepçom para os três independentistas detidos em Portosim

Reivindicam sabotagem contra umha construtora em Compostela em resposta às detençons

REDACÇOM / Os três independentistas detidos no passado dia catorze de Dezembro enfrentárom o procedimento habitual nos casos de detençons com motivaçom política: legislaçom especial e subministro de informaçom policial dosada através dos meios de comunicaçom de grande tiragem. Segundo versons oficiais, dous deles fôrom capturados polo instituto armado espanhol de madrugada, na localidade de Portosim, quando levavam no carro um explosivo com temporizador. O terceiro deles foi detido no seu domicílio, acusado de ser o proprietário do veículo. As autoridades apontam que preparavam um ataque contra interesses imobiliários.

Três detidos mui jovens

Santiago Vigo, José Manuel Sánchez e Adriám Ponte som compostelanos, originários de distintos bairros da capital da Galiza. Tenhem entre dezoito e vinte anos. Dous deles acabaram os seus estudos de formaçom profissional e estavam a dar os seus primeiros passos no mundo do trabalho, enquanto Adriám Ponte trabalhava em Ferrol. Som conhecidos como simpatizantes do movimento independentista, mas nom tenhem filiaçom política concreta.

Incomunicaçom e desinformaçom

A Guarda Civil mantivo os três rapazes incomunicados durante quatro dias, negando informaçom às famílias, e mesmo chegando a ameaçá-las nalguns casos via telefónica. Os familiares e chegados informavam-se da evoluçom do caso polas notas que a delegaçom do governo filtrava interesseirамente à imprensa empresarial. Algum dos cabeçalhos mais conhecidos do panorama mediático galego publicárom as fotos dos detidos e os seus nomes e apelidos completos, editorializando a favor da "mao dura" contra os supostos autores de sabotagens. Aliás, prosseguírom a campanha incriminadora contra Antom Garcia Matos, figura escolhida polo Ministério do Interior para personalizar o fenómeno da violência independentista.

Após quatro dias de incomunicaçom no quartel das Lonças, os militantes fôrom postos à disposiçom do juiz Grande-Marlaska, conhecido pola sua tendência direitista e a sua participaçom em sumários de grande transfundo político, relacionados com a ilegalizaçom de organizaçons juvenis bascas. Ainda que na sua declaraçom negassem pertencer a nengumha organizaçom armada, o juiz instrutor acusou-nos de 'integraçom em banda terrorista', de 'conspiraçom para estragos' e de 'possessom de explosivos'. O magistrado estabeleceu ligaçons entre as organizaçons independentistas galegas e as bascas, expondo paralelismos, por exemplo, entre a AMI e Segi ou entre Ceivar e Askatasuna.

Durante os registos, de especial dureza, a Guarda Civil rompeu portas, rasgou sofás e colchons e danou a mobília de vários dos imóveis nos que procurou provas.

No dia 19 de Dezembro, a família de Adriám Ponte depositava a fiança de 6.000 euros que lhe permitiu sair em liberdade condicional. Santiago Vigo e José Manuel Sánchez entravam em Alcalá-Meco, em regime de prisom incondicional.

NOVAS DA GALIZA nom pudo conseguir material gráfico da Audiência Nacional já que as fotografias tiradas polo nosso repórter fôrom eliminadas polas forças policiais.

Sabotagem em resposta

Um comunicado remetido para o Novas da Galiza reivindica um ataque contra um carro da empresa construtora Neor SA que se teria produzido em Compostela no passado sábado 15 de Dezembro. Os autores anónimos que assumem a sabotagem manifestam a sua solidariedade com os independentistas presos e concluem a reivindicaçom com as palavras de ordem "Contra a repressom, nem um passo atrás".

Repetem-se as medidas padecidas por Ugio Caamanho e Giana Gomes

Segundo declarou o advogado Chao Dobarro ao Novas da Galiza, "nom há sustento legal para justificar a prisom preventiva", ainda que o segredo do sumário dificulta a defesa. Como é conhecido, padecerám umha longa temporada de prisom sem condena em firme, a centos de quilómetros do seu domicílio, e com a correspondência e as comunicaçons vigiadas. Comités de pessoas solidárias organizárom actos de denúncia da lei antiterrorista, e assinalárom que, pola sua condiçom humilde, as famílias ainda padecerám mais gravemente a dispersom. Também contrastárom o tratamento dado a estes moços com o recebido polo guarda civil que, nestes dias, assassinava a sua exnamorada. Passou à disposiçom judicial em apenas 24 horas e entrou no penal da Lama, a menos de 100 quilómetros da sua casa. Por enquanto, nom foi expulso do corpo.

Causa Galiza mobiliza o soberanismo numha manifestaçom contra a Constituiçom espanhola

REDACÇOM / Mais de quinhentas pessoas secundárom a convocatória autodeterminista da Causa Galiza coincidindo com o Dia da Constituiçom espanhola em Vigo. Após a manifestaçom, encapuzados prendêrom lume a umha efígie do rei espanhol enquanto as pessoas assistentes berravam contra a monarquia. Quatro militantes de NÓS-UP fôrom detidos por terem, supostamente, participado no acto simbólico.

A plataforma autodeterminista apoiou através de um comunicado urgente a convocatória popular em solidariedade com os detidos em frente da esquadra da Polícia espanhola. Durante a concentraçom, fortemente vigiada, produzírom-se pequenas cargas contra as pessoas mobilizadas. Os detidos, naturais de Ponte Areias, fôrom libertados à tarde, ainda que sob a acusaçom de "injúrias contra a coroa".

Depois da manifestaçom, Pilar González e Paulo Parga lêrom o manifesto da convocatória, no qual os grandes poderes económicos e políticos operantes na Galiza som identificados como "inimigos da soberania galega". Neste comunicado também se realiza um chamamento à auto-organizaçom popular para deter a "privatizaçom do território, a turistificaçom, a restriçom dos direitos laborais e a economia do tijolo".

Causa Galiza valorizou muito positivamente a resposta à manifestaçom, "especialmente por se tratar de um acto realizado fora da capital do País" e lembrou que "todas as pessoas, colectivos e organizaçons políticas que aderírom à Causa Galiza coincidem na rejeiçom da Constituiçom espanhola, que é o quadro jurídico, político e administrativo para a opressom da Galiza e a exploraçom do povo trabalhador".

Anunciam a abertura de um novo centro social em Ferrol

REDACÇOM / O Colectivo Fervesteiro anunciou a abertura do seu centro social para o dia 21 de Dezembro no número 5 da rua Adám e Eva, localizada no bairro ferrolano de Esteiro. A associaçom promotora, com seis anos de vida, tem organizado cinco ediçons de um festival alternativo que se tornou referencial para os movimentos sociais nesta cidade da comarca de Trás-Ancos.

Manifestam a vontade de "o novo local ser umha ferramenta para prender lume nas consciências e atitudes das pessoas que tenhem no bairro trabalhador de Esteiro um pedaço das suas vidas".

O colectivo libertário participa activamente nas luitas contra a fábrica de Reganosa e tem organizado um bom número de conferências, debates e jornadas divulgativas. Com a inauguraçom do local dotam-se de um espaço físico que abre as suas portas perto da sede da Fundaçom Artábria, um dos referentes pioneiros do movimento de criaçom de Centros Sociais.

Com o Fervesteiro som já 23 os locais autogeridos e de base que se distribuem ao longo da geografia nacional, com presença nas maiores cidades e em diferentes vilas.

NÓS-UP reelegeu Maurício Castro como porta-voz nacional

REDACÇOM / A IV Assembleia Nacional de NÓS-Unidade Popular, realizada no dia 1 de Dezembro no concelho compostelano de Teio, reelegeu Maurício Castro como porta-voz nacional. O político ferrolano encabeçava umha lista única e paritária que integravam outras pessoas conhecidas da organizaçom independentista. Ao longo do processo assemblear, NÓS-UP reafirmou-se na linha tomada na anterior assembleia nacional, realizada em Ferrol, e na qual se dava prioridade ao trabalho no tecido social galego para favorecer a "expansom do independentismo e para o mútuo enriquecimento". Segundo comunicou aos meios a própria organizaçom da assembleia, "fruto dessa aposta, nesta IV Assembleia Nacional houvo o maior número de adesons e delegaçons convidadas da história de NÓS-UP."

Em relaçom ao processo de aglutinaçom do independentismo liderado pola Causa Galiza, NÓS-UP di "manter a sua disposiçom a atingir acordos com outras forças, que vaiam além de convocatórias pontuais como as protagonizadas polo espaço soberanista Causa Galiza, em que participamos, e permitam aglutinar as forças da esquerda soberanista galega."

CRONOLOGIA

◆ 11.11.07

Conselharia do Meio Ambiente culpa Ferroatlántica pola morte de milhares de peixes na barragem de Fervença.

◆ 12.11.07

Atento Corunha denega a solicitude de excedência de umha trabalhadora por estar redigida em galego.

◆ 13.11.07

Amnistia Internacional denuncia que os actos de tortura e maus tratos por parte dos 'corpos de segurança' dam-se em todo o Estado espanhol e gozam de umha impunidade quase total.

◆ 14.11.07

Marinheiros africanos do barco português Bravo Aveiro fecham-se 10 dias no navio no porto de Vigo para reclamarem que a empresa Farline lhes pague o salário.

◆ 15.11.07

Um explosivo estoura na sede da imobiliária Morrazo, em Cangas.

◆ 16.11.07

Apresenta-se publicamente a plataforma 'Galiza nom se Vende'.

◆ 17.11.07

Bidom metálico perto da residência de Touriño em Monte Pio dispara dispositivo policial de alarme de bomba. O bidom continha seringas sem usar.

◆ 18.11.07

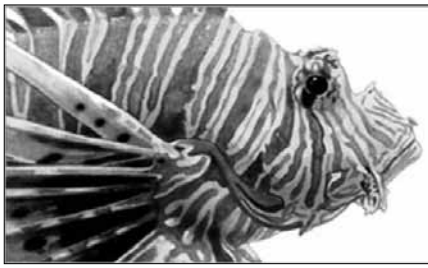
Por volta de 200 pessoas reclamam à família Franco a devoluçom do Paço de Meirás em manifestaçom.

◆ 19.11.07

Segundo dados da Fazenda, o sector imobiliário galego move mais de 1.000 milhons de euros em dinheiro negro.

◆ 20.11.07

Valedor do Povo pede responsabi1idades à Cámara de Vigo polo cheiro da depuradora.


www.inovagaliza.com
|desenho|comunicaçom|publicidade|
inova

◆ 21.11.07

Touriño afirma na comissom de investigaçom que a Cidade da Cultura é "umha das páginas mais negras da nossa história", mas evita depurar responsabilidades e fala do projecto do Gaiás como "irreversível".

◆ 22.11.07

M.S.C.F., operária de Tragsa, morre esmagada por umha rocha na autoestrada A-9 à altura de Padrom.

◆ 23.11.07

Umhas trinta pessoas apoiam Ugio Caamanho no julgamento em Cáceres pola sua tentativa de fuga. Fiscalia reclama cinco meses de prisom.

◆ 24.11.07

Acçom de Mulheres Transgredindo no Toral compostelano denuncia reproduçom do machismo como causa do terrorismo de género.

◆ 25.11.07

Famílias despejadas das favelas derrubadas no Vau voltam ao povoado e passam a noite ao relento. Sinaí Giménez, presidente da Associaçom do Povo Cigano, afirma ao dia seguinte que nom vam partir.

◆ 26.11.07

Trabalhador de 29 anos perde um pé nas obras do TAV à altura de Maside. À noite, um operário galego morre na construçom do túnel de Bracons, em Gerunda.

◆ 27.11.07

X.R.F.M converte-se no quarto falecido nas obras do Porto Exterior da Corunha. Relatório realizado depois do acidente revela que os operários aguentam jornadas de mais de dez horas diárias.

◆ 28.11.07

Granja SAT Bermúdez, em Bando, é assaltada e 20.000 visons som soltos na zona.

◆ 29.11.07

Plenário da Câmara de Santiago decide finalmente nom conceder o nome de umha rua a Manuel Fraga.

◆ 30.11.07

Os preços dos alimentos básicos subírom 5,5% em 2007, chegando até 25% no caso do leite.

◆ 01.12.07

Diferentes pessoas vinculadas ao

A Conselharia de Meio Ambiente autoriza caçadas de lobos no concelho de Muras

Associaçons ambientalistas denunciam a medida ao se tratar de uma espécie ameaçada

REDACÇOM / A Conselharia do Meio Ambiente — admnistrada polo PSOE — claudicou às pressons da Cámara Municipal de Muras — com autarca do PP — e de vários ganadeiros da zona e autorizou na primeira semana do mês caçadas de lobos para controlar a populaçom destes cánidos, depois de se terem registado nas últimas semanas vários ataques contra as reses.

No entanto, as associaçons ambientalistas denunciam esta medida. A Associaçom para a Defesa Ecológica da Galiza (ADEGA) alega que o lobo é, na Galiza, umha espécie notavelmente ameaçada, com umha populaçom estimada nuns 600 exemplares pola Administraçom galega e entre 400 e 500 polos ambientalistas, e sempre partindo de estimaçons pouco actualizadas polas dificuldades para fazer o seguimento.

Outro dos motivos da crítica é que mais de um terço deste concelho está inserido na Rede Natura 2000, o qual exige uns mínimos — que em muitas ocasions nom se cumprem, como no Courel — em matéria de conservaçom da biodiversidade. Precisamente o autarca de Muras lamentou em várias ocasions o facto de 35% do município formar parte desta rede.

Por sua vez, a Federaçom Ecologista Galega (FEG) frisa que enquanto as batidas se dirigem aos lobos, a maior parte dos ataques nom está provado que pertençam a estes canídeos, e em boa parte poderiam ser atribuíveis aos cans selvagens, motivo polo qual defendem outros meios para defender os ganadeiros e controlar a populaçom global de canídeos selvagens — quer cans, quer lobos.

Plano de Gestom do Lobo

O Plano de Gestom do Lobo é um dos pontos de fricçom entre as associaçons ambientalistas e a Conselharia do Meio Ambiente: enquanto a Administraçom defende que se permita a caça deste animal em determinadas situaçons — o qual figura, por outra parte, no regulamento 284/20012 de espécies cinegéticas galegas —, desde o movimento ambientalista apostam na linha de prevençom dos danos e compensaçom das perdas.

Os ambientalistas criticam que com a medida adoptada para Muras se esteja a apostar na soluçom mais rápida e barata e a criar um precedente para outras situaçons, o qual faria inviáveis quaisquer iniciativas de conservaçom deste canídeo.

Campanha de imagem

Recentemente, a ADEGA e o centro universitário de informaçom ambiental (CEIDA) anunciárom umha campanha divulgativa sobre a situaçom do lobo no nosso país e da importáncia de proteger esta espécie, considerada umha "jóia do nosso património natural", segundo se explicou na apresentaçom da campanha.

Até certo ponto será umha 'campanha de imagem', pois visa mudar a percepçom que comummente se tem deste canídeo nas zonas onde é relativamente freqüente a sua presença, sobretodo porque cada vez som mais os perigos que o tornam menos usual. Entre os principais estám a invasom do seu habitat, o envenenamento intencionado, a falta de alimento — por mor dos coutos de caça, o encerramento das lixeiras descobertas ou a recolhida e incineraçom dos cadáveres de animais.

Escándalos ligados à corrupçom urbanística salpicam agora nacionalismo autonomista

REDACÇOM / A Guarda Civil realizou umha operaçom anticorrupçom contra os membros do estudo Xcale e um membro da polícia local mugardesa. No total, estám envolvidos três arquitectos, dous funcionários e o próprio presidente da Cámara. Umha vez detidos os principais imputados na trama – que saírom em liberdade depois de passar à disposiçom judicial, como costuma acontecer nestes casos –, o autarca nacionalista, Francisco Barcia, foi chamado a declarar. Mui pouco tempo depois de que concelheiros do BNG do Val Minhor padecessem certa forma de terrorismo empresarial pola sua oposiçom à vaga urbanizadora, na outra ponta da Galiza invertem-se os esquemas.

A equiparaçom do BNG ao resto dos partidos políticos institucionais nom atinge apenas as formas, o peso do marketing ou o consenso autonomista. Agora parece chegar, em forma de escándalo, a tramas ilegais do negócio urbanístico.

A declaraçom nom foi conseqüência apenas das testemunhas dos principais imputados. Fontes da investigaçom assinalárom que o presidente da Cámara estava, havia tempo, com o seu telefone vigiado por parte das forças policiais. O tribunal número 4 de Ferrol concluiu, após a declaraçom do político, que o autarca se beneficiou com os membros da trama, procurando "paralisar construçons, para legalizá-las depois e obter benefícios para a Cámara municipal". Em termos jurídicos, Barcia está imputado por prevaricaçom e "indícios de actividade criminal". O BNG, por sua vez, apoiou explicitamente Barcia, argumentando que "luita por um urbanismo transparente".

'O Apalpador' volta ao Natal galego

REDACÇOM / Membros da comissom de memória histórica da Gentalha do Pichel decidírom recuperar umha figura esquecida do nosso Natal, contribuindo assim com o seu grao de areia para umhas férias mais autóctones e afastadas da voragem consumista. Editárom um panfleto explicativo sobre a figura do Apalpador, acompanhado de umha ilustraçom da própria personagem, e fam um chamamento a todos os centros sociais e tecido associativo do País para o popularizarem.

O Apalpador é umha personagem mítica comum, com variantes, a muitas culturas europeias, que sobreviveu à implantaçom do cristianismo. Trata-se de um lenhador gigante que apanha castanhas para lhas levar aos meninhos na noite do dia 31 de Dezembro, prendendo o lume em cada casa. Anunciava com isto a chegada da fartura, o calor e a boa sorte nas aldeias da Galiza de entom. A figura sobreviveu o embate da modernidade até a década de 90, quando morrêrom os últimos velhos que o lembravam. Agora, o movimento associativo galego coloca como repto a sua recuperaçom.

Reprimem marinheiros e percebeiros afectados polo porto exterior corunhês

REDACÇOM / O conflito aberto pola construçom do porto exterior da Corunha agravou-se depois das cargas policiais do passado dia 19 de Dezembro. Marinheiros e percebeiros reclamavam as indemnizaçons correspondentes pola perda de trabalho provocada pola construçom do porto de Ponta Lagosteira. Por volta de quarenta afectados concentravam-se perante a sede Autoridade Portuária e recebêrom umha intensa carga policial quando tentavam aceder à reuniom do Conselho de Administraçom do Porto ao meio-dia. A segunda carga tivo lugar às 15h00 da tarde, depois de que os manifestantes interrompessem o tránsito na Avenida da Marinha.

O secretário comarcal da CIG Paulo Carril considerava o acontecido como a "resposta que recebemos do Conselho: malhar-nos a paus", enquanto anunciava que se estava a abrir "umha nova fase no conflito".

As forças de choque da Polícia Nacional reincidem na repressom violenta em menos de um mês. No passado dia 5 de Dezembro carregavam contra o mesmo colectivo de afectados quando estes se mobilizavam diante da Delegaçom do Governo da Corunha, enquanto Pérez Tourinho e outros representantes políticos comemoravam o aniversário da Constituiçom espanhola.

Um estudo elaborado pola USC e avalizado pola Conselharia da Pesca em 2005 calculava em 27 milhons de euros as perdas estimadas para os percebeiros, marinheiros de litoral e mariscadores pola construçom do porto exterior. Nom obstante, a nova Conselharia da Pesca só está disposta a indemnizar o total de afectados com 2,5 milhons de euros, quantidade que os afectados rejeitam e da qual ainda nom recebêrom nem o primeiro euro.

A 28 de Novembro um trabalhador das obras do porto exterior falecia no seu posto laboral, o que foi denunciado com contundência polos sindicatos que reclamárom medidas imediatas no reforço da segurança.

Pedem quatro anos de prisom para um sindicalista do transporte

No passado 20 de Dezembro tivo lugar o julgamento contra Xesús Pastoriza, o responsável de CIG-Transporte, acusado de ter ocasionado danos num autocarro da empresa Monforte em Março de 2001, nas datas em que se estava a desenvolver umha greve no sector. Imputam-no também por um suposto delito "contra a liberdade dos trabalhadores".

As conclusons do julgamento ficárom adiadas até o dia 26 de Dezembro. Tanto a advogacia do Estado como a acusaçom particular mantenhem as suas solicitudes de condena, que oscilam entre os 3 anos e 6 meses e os 4 anos e 6 meses.

'Galiza nom se Vende' continua a aglutinar apoios e avança na sua consolidaçom

REDACÇOM / A rede de entidades populares 'Galiza nom se Vende' continua os trabalhos organizativos para a sua consolidaçom e prepara a manifestaçom nacional que terá lugar a 17 de Fevereiro em Compostela. Enquanto continua a somar apoios de colectivos – som mais de sessenta na actualidade – enfrenta um processo de criaçom de cargos de representaçom e de articulaçom da rede a nível nacional.

A última iniciativa pública desenvolvida consistiu na apresentaçom de um projecto de Iniciativa Legislativa Popular (ILP) em defesa do litoral com o objectivo de "garantir umha protecçom efectiva e permanente" dos recursos do litoral. Perante o que consideram seguidismo dos interesses empresariais em detrimento da conservaçom do património natural defendem a necessidade de "exercer de forma directa a capacidade de legislar".

Denunciam que a Conselharia da Pesca dirigida por Carmen Gallego se recusou a receber umha delegaçom da plataforma enquanto continua a negociar com transnacionais e diferentes empresas a maneira de dar saída aos seus projectos materializados no Plano Piscícola que qualificam como "lesivo para o ambiente, a sociedade e os interesses económicos do País" e encaminhado a provocar a "maior destruiçom do litoral da história da Galiza".

Contra o PGOM de Vigo

A rede 'A Ria Nom se Vende', integrada na plataforma nacional, manifestou-se em Vigo no passado dia 15 de Dezembro em oposiçom ao Plano Geral de Ordenamento Municipal que prepara o executivo de Abel Caballero, que pretende a sua aprovaçom no próximo mês de Janeiro. Meio milhar de pessoas secundárom a convocatória em denúncia de "um monstro urbanístico que ameaça o tecido económico, o património natural, a equidade social, o património cultural e os sinais de identidade de Vigo, das Rias Baixas e de toda a Galiza".

Questionam que por detrás do desenho do plano está um Conselho Sectorial de Urbanismo integrado por "representantes dos grupos políticos e dos sectores economicamente beneficiados", que pretendem dar saída legal às graves irregularidades acometidas nas últimas duas décadas.

Entre as críticas ao PGOM destacam que este congestionará o núcleo urbano com 69 torres de grande altura, duplicará em menos de vinte anos o tamanho da cidade e afogará os núcleos rurais e a protecçom da costa. Falam de "atentado ambiental", pondo como exemplo que nom projecta a separaçom das águas pluviais, urbanas e industriais" e amplia a contestada macrodepuradora do Lagares.

Como alternativa proponhem a criaçom de um Plano Territorial para as Rias Baixas, coordenado entre as Cámaras Municipais e a Junta, que tenha como objectivo a "regeneraçom e protecçom do espaço urbano, do meio rural e do ambiente".

reintegracionismo constituem a Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa em Compostela

◆ 02.12.07

Multinacional chinesa Chint Group Corporation chega à Galiza com a intençom de construir um parque de energia solar de 600.000 metros quadrados com "o máximo apoio" do governo galego.

◆ 03.12.07

Três pessoas relacionadas com o departamento técnico-urbanístico de Mugardos e um polícia local desse concelho som detidos numha operaçom contra a corrupçom urbanística.

◆ 04.12.07

Zara vende a sua cadeia de tendas na Venezuela a Phoenix World Trading, que a explorará em regime de franquia.

◆ 05.12.07

Clubes de futebol galego na primeira divisom espanhola admitem dívidas milionárias: o Celta de Vigo de 65,4 milhons de euros e o Des-portivo da Corunha de 146 milhons

◆ 06.12.07

Dous marinheiros galegos detidos na Mauritánia acusados de provocar o naufrágio com mortes de um barco desse país.

◆ 07.12.07

Esquerda Unida afirma que as irregularidades de Mugardos já foram expostas na comissom de Urbanismo.

◆ 08.12.07

Amancio Ortega entra no mercado imobiliário dos EUA com a compra de dous prédios em Washington e Boston por 175 milhons de euros.

◆ 09.12.07

Carlos Varela, procurador chefe do Tribunal Superior de Justiça da Galiza, reclama julgados especializados em urbanismo e património.

◆ 10.12.07

Fraga declara que "homens como Franco necessitam de polo menos cinqüenta anos para serem valorizados com equilíbrio e rigor", ainda que reconheça que "permaneceu demasiado tempo no poder".

NOVAS DA GALIZA
15 de Dezembro de 2007 a 15 de Janeiro de 2008

INTERNACIONAL

ATENTADO CONTINUADO CONTRA A LIBERDADE DE EXPRESSOM EM CANTÁBRIA

Assédio e perseguiçom dos poderes políticos cántabros contra o extinto semanário independente La Realidad

DUARTE FERRÍN / *La Realidad*, semanário que saiu pola primeira vez aos quiosques no dia 7 de Fevereiro de 2000 e foi encerrado dous anos mais tarde, era um projecto jornalístico autónomo, independente e alternativo ao pensamento único. Realizava um jornalismo crítico e era um espaço livre para os movimentos sociais, com 1.100 assinantes, 850 ejemplares de venda em quiosques e uns 6.000 leitores. Este jornal dedicou-se a destapar a corrupçom dos governantes, especialmente aqueles que estám desde há décadas instalados nas poltronas e governam como caciques. Graças ao seu trabalho jornalístico fôrom abortados alguns macroprojectos urbanísticos e outras obras especulativas orquestradas no escuro dos gabinetes.

Como conta Patxi Ibarrondo, o ex-director, "o que explica que nom haja distinçom entre a esquerda e a direita é que todo o arco parlamentar está de acordo em 'mangonear' nos caudais de *Caja Cantabria*". Desta entidade pública é de onde saírom os escándalos financeiros mais graves, malversaçons e nepotismos que porém fôrom ocultos rapidamente.

Em dous anos de existência, o semanário *La Realidad* enfrentou cinco demandas civis com petiçons de 180.000 euros em cada umha. Além disso, recebêrom três querelas criminais.

Os acusadores som sempre 'persoeiros' pertencentes ao Partido Popular como Carlos Saiz (ex-presidente do PP da Cantábria), Miguel Angel Revilla (vice-presidente do governo cántabro e conselheiro das Obras Públicas), Francisco Rodríguez (porta-voz do PP no Parlamento cántabro), Federico Santamaria (ex-conselheiro da Economia e Fazenda), e os autarcas dos municípios de Argaños, El Astillero e Comillas.

Além destas acçons via judicial, suportárom umha maocheia de bloqueios de todo o tipo, como pressons a sectores sociais e pessoas concretas para nom subscreverem a publicaçom, para nom a comprarem ou para nom insertarem publicidade. Mesmo chegou a haver 'miniseqüestros' pagos nos quiosques para que o jornal fosse retirado.

No passado mês de Abril, cinco anos depois do encerramento de *La Realidad*, a juíza Laura Cuevas ordenou o embargo da pensom de invalidez do seu ex-director Patxi Ibarrondo, em aplicaçom a umha sentença por vulneraçom da honra do expresidente do PP da Cantábria Carlos Saiz, deixando Patxi Ibarrondo numha delicada situaçom económica e pessoal.

Em relaçom a isto, Patxi comenta: "enquanto subsistir a abstracta e neofranquista enteléquia da honra, a que se acolhem como autómatas todos os crápulas, a liberdade de expressom neste Estado continuará ameaçada, já que isto pode ser interpretado por um juiz como lhe apetecer".

NOVAS DE ALÉM MINHO

Estórias do ditador

ANDRÉ RODRIGUES

◆

O LANÇAMENTO DO LIVRO OS MEUS 35 ANOS COM SALAZAR, DE JOAQUIM VIEIRA E MARIA DA CONCEIÇÃO RITA, FOI PRETEXTO NÃO PARA UMA SÉRIA INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA, MAS PARA MOSTRAR UM SUPOSTO LADO PATERNAL, ATÉ MESMO JOVIAL E CÂNDIDO, DE SALAZAR, COM QUEM A AUTORA FORA VIVER AOS SEIS ANOS, POR INTERMÉDIO DA GOVERNANTA MARIA DE JESUS FREIRE, E QUE O CHEFE DE ESTADO ADOPTARA COMO "UMA FILHA". EM RESUMO, UMA LINDA ESTÓRIA.

A propósito da sinistra figura de António de Oliveira Salazar têm-se, nos últimos tempos, dito e escrito coisas diversas, na sociedade portuguesa. Com a particularidade assinalável de lhes não corresponder a profundidade de reflexão e o debate necessários no confronto com a história recente do país.

O ditador surge reinventado e envolto em paradoxos. O mesmo homem cuja governação pairava como um espectro sobre o destino dos portugueses, omnipresente mas praticamente invisível - a seu respeito falou um conhecido filósofo e ensaísta português duma "retórica da invisibilidade" -, é hoje discutido nos meios de comunicação social com inaceitável superficialidade. Combatido apenas na clandestinidade, a ele se atribui agora um protagonismo mediático que não deixaria certamente de o admirar.

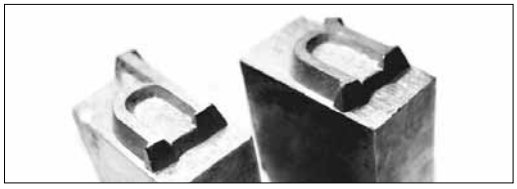
Não cabe nos propósitos deste pequeno espaço uma proposta de reflexão sobre as prisões políticas, a tortura e o assassinato de opositores ao regime, a politica colonial ou a censura, para evocarmos apenas alguns dos traços definidores de um regime fascista como foi o Estado Novo - a mais longa das ditaduras europeias, 48 anos entre 1926 e 1974, duro golpe infligido aos portugueses, às suas legítimas aspirações, à cultura de um povo.

O que se pretende, e cremos não ser de somenos importância, é que não passem sem o nosso protesto, uma após outra, as inúmeras tentativas de branqueamento do Estado Novo, em particular através da figura de Salazar. Já em diferentes ocasiões, figuras com alguma notoriedade pública negaram a essência fascista do regime - demasiadas vezes com a circunstância grave e prenhe de consequências funestas de não terem tido o desmentido necessário.

Foi mais uma vez o caso num recente documentário televisivo, exibido num dos dois canais privados da televisão portuguesa. O lançamento do livro *Os meus 35 anos com Salazar*, de Joaquim Vieira e Maria da Conceição Rita, foi pretexto não para uma séria investigação jornalística, mas para mostrar um suposto lado paternal, até mesmo jovial e cândido, de Salazar, com quem a autora fora viver aos seis anos, por intermédio da governanta Maria de Jesus Freire, e que o chefe de Estado adoptara como "uma filha". Em resumo, uma linda estória.

No fundo, "não era tão mau assim", apesar "do que se diz", etc, etc. Quem diz ou porque diz, quem contrapõe o quê a quem, desaparece do discurso dando lugar ao que seria banal e bacoco, não fosse tratar-se do ditador fascista que durante tantos anos governou Portugal.

Não obstante as recentes séries de verdadeiro interesse e mérito como são as de Joaquim Furtado (*A Guerra*) e de António Barreto e Joana Pontes (*Portugal: um retrato social*), que saudamos, a televisão portuguesa gosta de presentear-nos, amiúde, com estas "pérolas" que demonstram que não nos podemos distrair.



Acordo ortográfico avança em Portugal

NUNO GOMES / O Governo Português prometeu ratificar, até ao final do ano, o protocolo modificativo do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O Acordo original foi assinado em Lisboa em 1990, e entraria em vigor passados quatro anos. Como tal não sucedeu, foi assinado em 1998 um primeiro protocolo modificativo que previa a aplicação do Acordo directamente após a ratificação de todos os países pertencentes à CPLP. Após novo fracasso, o segundo protocolo modificativo, de 2004 (assinado agora por Portugal), previa a necessidade de ratificação por apenas três países da CPLP. Já que Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe foram entretanto ratificando o protocolo, este estava já normativamente ratificado. Na última reunião do Conselho de Ministros da CPLP, no início de Novembro, Portugal anunciou a ratificação, e os países que ainda não o assinaram comprometeram-se a fazê-lo proximamente. Esta só não é uma medida directa porque o Governo Português decretou uma moratória de 10 anos para a sua aplicação, o que a adia em Portugal, mas não nos restantes países de língua portuguesa. Do lado português, 1,6 por cento das palavras irão mudar, enquanto que no Brasil serão 0,5 por cento. Passam a fazer parte do alfabeto o 'k', o 'w' e o 'y' (por influência africana), e mudam as regras de hifenização ('contra-regra' passa a 'contrarregra', 'microondas' passa a 'micro-ondas'). As consoantes mudas desaparecem ('correcto' passa a 'correto', 'húmido' passa a 'úmido', como já utilizado no Brasil), e palavras como 'vôo' perdem o acento circunflexo, assim como certas formas verbais ('vêem' passa a 'veem'). O trema (¨), ainda usado no Brasil, desaparece definitivamente. Admitem-se excepções, como na palavra 'recepção', que manterá a grafia no Brasil, mas que passará a 'receção' em Portugal, onde o 'p' é mudo. Do lado português, as críticas negativas em relação à ratificação têm sido entremeadas por outras mais receptivas à ideia, enquanto que as opiniões vindas de fora do país têm sido maioritariamente positivas. Ao contrário de ocasiões anteriores, não foi ainda noticiada a participação da Galiza neste protocolo.

REPORTAGEM

O movimento estudantil perante Bolonha

A entrada das universidades no Espaço Europeu de Educaçom (EEES) coloca-nos numha situaçom paradoxal. Em princípio, a Declaraçom de Bolonha nom contempla algo assim como a criaçom de um "sistema europeu de educaçom", mas um "espaco", quer dizer, algo carente de conteúdo. Cingindo-nos ao texto, só se fala da unificaçom "contável", formal, dos estudos universitários, umha espécie de moeda comum. No entanto, a adaptaçom do ensino às pautas do modelo neoliberal está detrás das declaraçons de intençons.

CARLOS CALVO / Sob as intenções de estandardizaçom dos diversos sistemas universitários europeus subjazem políticas neo-liberais (especialmente da OMC). Mas é fulcral, para entendermos bem o processo, diferenciar dous tipos de países: os países fortemente industrializados, e aqueles que nom o som. Nos primeiros, o Processo de Bolonha envolverá a reconversom da universidade, o fechamento de faculdades (é o que se está a fazer na Alemanha e na França), a reduçom brutal do acesso ao ensino superior, etc. E, paralelamente, implicará a total mercantilizaçom da universidade: o estudantado irá transformar-se em sujeitos que compram um posto de trabalho, para o qual vam estudar só aquilo de que o capital necessite. Desta maneira, o ensino deixa de ser considerado como um direito e passa a ser um serviço que se paga. Além disso, subjazem também políticas pedagógicas novas: cronometragem do/as estudantes, mais atençom às técnicas de trabalho do que ao próprio conteúdo, "deseducaçom" social, etc.

Aliás, a situaçom na Galiza, é um pouco distinta. Para começar, os três partidos principais som a favor do Processo de Bolonha. Como se da queda dum muro de Berlim se tratasse, estamos perante umha situaçom na qual as políticas neo-liberais som aceites sem excepções. Neste contexto de "despolitizaçom", o poder nas universidades galegas nom reflecte umha luita de ideias (os claustros das universidades fórom na sua hora "parlamentinhos") mas de "redes e grupos de interesse". Estas redes, vam impedir qualquer reconversom por umha razom: a Galiza nom é umha naçom capitalista, mas umha colónia interior que sistematicamente vê como os seus fundos públicos som espoliados. Nom temos perfeitos tecnocratas neoliberais, temos "natives authorities" que se encarregam de saquear.

Estudantes da USC no 'Enterro da Universidade' a 14 de Novembro / GZI

Um exemplo ajudará a entender isto. A USC privatizou a compra de revistas, deslocando-a para umha empresa privada. Em princípio parece umha decisom política de corte neo-liberal. Mas, no fundo, é ainda pior que isso, pois o Conselho de Contas (bem pouco suspeito de ser "anticapitalista") informa que a aquisiçom de revistas por parte da universidade nom inclui o pagamento do IVA, mentres que ao ser privatizada (na lógica capitalista isto seria para "optimizar" custos), há que pagar esse imposto - e falamos de milhares de euros. A quem beneficia esse espólio dos fundos públicos? Será que temos que escolher entre ser espoliados ou sermos explorados polo capital?

Também se está a aproveitar a ocasiom para fazer renovações nom previstas polo Plano de Bolonha, tal como a obrigatoriedade de cursar um Máster Docente de maneira estar habilitado a dar aulas, aumentando em 300% as taxas, a respeito do CAP actual. A estratégia é mascará-las de decisões tomadas em Bruxelas contra as quais nom se pode luitar.

Outro dado preocupante é a substituiçom progressiva das bolsas públicas por empréstimos com entidades bancárias como o Banco Santander.

É preciso ter em conta, porém, que na Galiza a implantaçom do Processo de Bolonha tem umhas características distintas às do resto da Europa. Aqui, o EEES é só umha construçom retórica em que nem os mesmos neo-liberais cumprem as suas próprias regras do jogo, sendo péssimos gestores, como gostam de se chamar. A teorizaçom da situaçom é bem clara: expoliaçom colonial.

> Comprova-se que o estudantado só reage quando está afectado de forma mui directa, como em Políticas, mas sem unificar as luitas. No entanto, o movimento cresceu e alcançou logros

O movimento em Compostela

O peso da luita contra o Processo de Bolonha na Galiza está a ser levado polo movimento assemblear de Compostela, organizado na Assembleia Geral e em Assembleias de Faculdade (totalmente autónomas a respeito da Geral).

A actividade feita até o momento tem sido intensa: manifestaçom na Reitoria, encerramento da USC, protestos no I Foro Emprego, manifestaçom no 150 Aniversário do Banco Santander (a principal empresa envolvida na privatizaçom da USC), manifestaçom diante do Parlamento, etc. - todas elas fórom silenciadas ou distorcidas polos meios desinformativos. Contodo, a mobilizaçom mais numerosa, no dia 4 de Dezembro, deu juntado apenas cerca de 250 pessoas, mesmo se a forte presença policial pudesse influir nesta cifra.

De momento, estám a dar-se uns níveis de mobilizaçom mui baixos. As condições sociais som pouco propícias: nengumha organizaçom política forte apoia esta luita, partidos de esquerda estám presentes tanto no governo galego como nas reitorias. Além disso, está a comprovar-se que o estudantado só reage quando o problema o afecta mui directamente, como nos protestos de Ciências Políticas, sem unificar essa luita.

No entanto, o movimento assemblear cresceu a respeito do ano passado, e alcançou alguns logros. É de salientar que em três faculdades (a de História, Medicina e Filosofia), o movimento assemblear conseguiu todos os postos de representantes de aluno/as. A intençom era boicotar as Juntas de Faculdades (onde o alunado só tem 30% dos votos), se as assembleias nom forem reconhecidas como órgaos de governo. Isto demonstra a desconfiança do alunado em relaçom aos sindicatos tradicionais, e a conscientizaçom no sentido de ser preciso organizar-se de jeito horizontal para luitar contra o EEES.

Se nom se conseguir parar, o 2010-2011 será o fim do ensino público.

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607
NOVAS DA GALIZA

O melhor presente para este natal: umha subscriçom ao novas

Envia o endereço da pessoa que vai receber a subscriçom e os teus dados bancários. Notificaremos-lhe o presente quando recebamos o aviso. Receberá o jornal a partir de Janeiro.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 30 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apelidos _____ Telefone _____

Endereço _____ C.P. _____

Localidade _____ E-mail _____

☐ Nº Conta _____

☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

NOVAS DA GALIZA
15 de Dezembro de 2007 a 15 de Janeiro de 2008

ANÁLISE

Quatro batalhas ganhas na Ria de Vigo graças à pressom e à mobilizaçom popular

CANGAS, MONTE-FERRO, BOUÇAS E TÉIS CONSEGUEM DETER PROJECTOS AGRESSIVOS COM A SOCIEDADE E O AMBIENTE

DUARTE FERRÍN - *Vários colectivos sociais e ambientais da Ria de Vigo, aglutinados na rede A Ria Nom se Vende, conseguem paralisar depois de importantes luitas diferentes projectos especulativos e agressivos para o litoral desta importante área geográfica do sul da Galiza*

Cangas. A Residencial Marina Atlántica (sociedade participada maioritariamente pola Caixanova) pretendia levar a cabo o projecto dum porto desportivo no Salgueirom, dotado dum espigom de 600 metros de cumprimento, com um recheio de 27.320 m², que ocuparia umha lâmina de água de quase 250.000 m². Esta construçom estragaria umha zona natural, pesqueira e marisqueira de grande valor e repercutiria nos ecossistemas e na dinâmica litoral de toda a ria. Por se tal nom abondasse, pretendia-se ainda construir umha urbanizaçom de luxo, que afectaria uns 200.000 m² da zona da Massó. O projecto era edificar cerca de 1.000 habitaçons em blocos de quatro alturas, transformar a antiga conserveira num centro comercial, erguer um hotel de cinco estrelas e urbanizar a zona como umha borbulha bem fora do planeamento municipal de Cangas.

Dia atrás dia, desde há mais de ano e meio, o movimento popular mantivo umha vigilância constante do lugar e impediu a entrada dos camions e a construçom do recheio. Foi umha resistência pacífica mas firme, apesar da agressom a um manifestante de 70 anos por parte dum trabalhador. E, é claro, com a presença contínua da Guarda Civil, que identificava a gente, tomava nota, e ia aumentando o monte de denúncias contra a vizinhança por coaccons - denúncias que, nalguns casos, fôrom elevadas de falta a delito polo juiz actuante.

Figérom-se dúzias de manifestaçons e concentraçons, tanto em Cangas como em Vigo, organizárom-se assembleias informativas, recolhêrom-se assinaturas e apresentárom-se ainda recursos, alegaçons e queixas no País e no Parlamento europeu.

Além disso, a Confraria de Pescadores Sam José de Cangas apresentou dous contenciosos contra o projecto junto do Tribunal Superior de Justiça da Galiza. Ademais, o concelheiro canguês da FPG, Mariano Abalo, formalizou umha queixa no Julgado de Cangas contra a Autoridade Portuária de Vigo por "permitir e ser cúmplice" da venda dum terreno de 16.992 m² entre o Salgueirom e Ponta Baleia, que era de domínio público marítimo-terrestre.

O Foro Social tem mobilizado milhares de pessoas nestes meses contra um projecto que seria mais um passo no desmantelamento da pesca de baixura e do marisqueio, disfarçado de oferta dum hipotético desenvolvimento turístico - o que na verdade nom é mais que especulaçom encoberta. Apesar das ilegalidades manifestas do projecto, as Administraçons pugérom-se do lado dos poderes económicos e foi só a resistência popular que impediu que os factos se dessem consumado.

Depois de meses de mobilizaçons e resistência, agrupada em torno ao Foro Social de Cangas, o projecto de porto desportivo acabou por ser paralisado

No dia 3 de Outubro de 2005, depois de mais dum ano e meio de mobilizaçons e resistência popular, agrupada em torno ao Foro Social de Cangas, conseguiu-se paralisar o projecto. No entanto, a gente do Foro continua atenta ao que poida acontecer.

Monte-Ferro. Em finais do ano 2005 transcendeu aos meios de comunicaçom social o projecto de construçom dumha estrada de circunvalaçom com beira-ruas, miradoiros, luminárias e impressionantes rotundas no espaço natural de Monte-Ferro, em Nigram. A iniciativa partia da Cámara Municipal e da Deputaçom (ambas do PP), com a conivência da Comunidade de Montes.

A obra foi apresentada como sendo umha "melhora do vial existente". Desta maneira, os promotores eram dispensados de ter que passar por qualquer filtro legal. Nom era necessário ser mui estudado para saber que na realidade se tratava do primeiro passo para urbanizar esse último reduto verde na beira sul da Ria de Vigo.

Logo, a princípios de 2006, nasceu Salvemos Monte-Ferro. Era daquela quando vinham de arder vários automóveis de opositores à especulaçom no Vale Minhor em atentados nunca esclarecidos, e quando a obra de Monte-Ferro estava já licitada e adjudicada à empresa "Taboada y Ramos" de Lalim. Eram muitos a dizer: "estamos perdidos, já nom há nada a fazer."

Salvemos Monte-Ferro, salientando o valor do monte como vivência próxima e compartilhada, recolheu em quatro meses 10.000 assinaturas contra o projecto. Criou umha página Web que reuniu logo decontado apoios e solidariedade. Organizou mobilizaçons e conseguiu certa presença nos meios. Moveu-se junto das instituiçons, ressaltando a ilegalidade do projecto (baseando-se nas Normas Subsidiárias em vigor, onde Monte-Ferro figurava como espaço natural) e apresentou queixas juridicamente fundamentadas contra estas ilegalidades junto de todas as Conselharias com competência no caso.

Salvemos Monte-Ferro participou activissimamente, junto com as Associaçons de Vizinhos e Vizinhas, na revolta popular que impediu que fosse aprovado o PGOM de Nigrám em 2 de Junho de 2006.

E foi justo um ano depois da criaçom da sua página Web, em 18 de Janeiro de 2007, que Salvemos Monte-Ferro puido anunciar com legítimo orgulho que o projecto de urbanizar o monte fora definitivamente retirado. "Ganhámos umha batalha" era o título desse dia.

> Prosseguindo o caminho destas luitas, criou-se a rede A Ria nom se Vende, que aglutina os colectivos e que, por sua vez, está ligada à Galiza Nom Se Vende

O governo actual da Câmara de Nigrám introduziu no seu programa a criaçom dumha figura jurídica dirigida a proteger esse monte, de maneira a tornar impossível doravante qualquer veleidade de futuros governantes. Salvemos Monte-Ferro continua aí, céptico e vigiante.

Bouças. O Projecto da Autoridade Portuária, comandada por Abel Caballero, de alargar o macro-recheio de Bouças para aí construir umha nova terminal de contentores, fazendo um recheio de 850.000 m², estrangularia a Ria e repercutiria na dinâmica de correntes e em todos os seres vivos deste ecossistema. Este projecto, que era qualificado de imparável, imprescindível e respeitoso com o ambiente, nom dispunha de Relatório de Impacto Ambiental nem de estudos de nengum tipo e ia ser começado em finais de 2006. De momento, encontra-se paralisado, graças às contínuas mobilizaçons populares convocadas polo colectivo Bouças Move-te.

Na primeira manifestaçom denunciou-se a iminente chegada ao recheio de Bouças de toneladas de entulho procedente da Casa Mar. Este dado, que os vizinhos conhecêrom através dumha filtraçom, apanhou por surpresa a Autoridade Portuária, que se viu forçada a improvisar, espalhando o entulho por Goiám e por várias localidades minhotas. Na seqüência destes factos, a Autoridade Portuária foi objecto de várias denúncias devido a que o entulho ciscado continha uma poluente e perigosa carga de amianto. A seguir, figérom-se mais duas manifestaçons, um enterro com procissom incluída, recolhêrom-se mais de 5.000 assinaturas, estendêrom-se faixas reivindicativas por todo o bairro, pendurárom-se milheiros de bandeiras reivindicativas nas varandas e janelas, estivo-se presente com umha mesa informativa e faixas em todos os actos e festas no bairro, boicotárom-se dous actos eleitorais de Abel Cabalhero, e um comício do PP no local da Associaçom de Vizinhos, apupou-se ao candidato do BNG à presidência da Câmara, convidou-se Abel Caballero para que abandonasse o bairro num acto eleitoral com consignas e o conseguinte acompanhamento até o seu carro, apresentárom-se alegaçons ao Plano de Usos do Porto (que nom fôrom respondidas), enviárom-se escritos de denúncia a todas as autoridades ambientais da Galiza, do Estado e da Europa, colárom-se centos de cartazes, que, às vezes, só duravam umha noite, editárom-se autocolantes...

Depois de todo isto, o projecto de alargar do recheio e a nova terminal de contentores está paralisado e nom tem visos de prosperar. Em Bouças Move-te continuam alerta.

Téis. Os promotores do porto desportivo Astilleros y Construcciones Lagoa,S.A., presidida por Manuel Fernández de Sousa, realizárom sem licença várias construçons acarom do peirao. Um grupo de vizinhos e vizinhas, organizado no colectivo Vozes polo Litoral de Téis, opujo-se logo desde o início ao projecto de construçom do porto desportivo na praia da Lagoa em Téis. Entre outros motivos, alegavam que tais construçons em terra eram incompatíveis com o ordenamento do território previsto para esta zona costeira. Em 7 de Novembro de 2007, após várias mobilizaçons e um processo contencioso administrativo, conseguiu-se que a juíza do Tribunal Contencioso-Administrativo nº 1 de Vigo sentenciasse que as naves feitas som ilegais e devem ser derrubadas. Conta-se com que os promotores irám apelar junto do Tribunal Superior de Justiça da Galiza. Mas vai-se ganhando.

Prosseguindo o caminho destas luitas, criou-se a rede A Ria nom se Vende, que aglutina os colectivos que já andavam a trabalhar na Ria e que, por sua vez, está ligada à Galiza Nom Se Vende. A rede da Ria convocou diversas mobilizaçons para luitar contra os pontos negros mais importantes da Ria.

A FUNDO

Umha rede impenetrável sustenta o empório que forjou a riqueza de Amancio Ortega

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS, INVESTIMENTOS MULTI-SECTORIAIS E BLINDAGEM JURÍDICA, BANCÁRIA E MEDIÁTICA PROTEGEM-LHE A FORTUNA

Em pouco mais de trinta anos, Amancio Ortega Gaona conseguiu vir a ser o maior milionário do Estado. Este enriquecimento meteórico é um fenómeno inusitado no sector têxtil e só consegue entender-se a partir de umha calculada exploraçom massiva, do facto de beneficiar de fortes injecçons de capital para o crescimento e de contar com umha afinada maquinaria empresarial ao seu serviço. No entanto, permanecem sem esclarecer numerosas qüestons à volta da sua acumulaçom de capital. Desvendamos alguns elementos para a análise com o fim de explicar os porquês da omnipotência de um personagem e de umha empresa que se tornam intocáveis para o poder e permanecem blindados para a opiniom mediática.

Amancio Ortega foi respeitado polos poderes políticos dos diferentes governos. Ninguém ousou questionar práticas empresariais que contestárom diferentes ONG's. Destacados líderes nacionalistas louvárom a sua gestom empresarial

HILDA CARVALHO / A primeira loja da Zara abre na corunhesa rua Juan Flórez em 1975. Anos antes, a família de Ortega Gaona e outros sócios já desenvolveram outras iniciativas no sector têxtil até chegarem à fórmula que depois se demonstraria tam bem sucedida. Logo desde o início, renunciárom à publicidade convencional e optárom por se promover escolhendo os melhores lugares das cidades, o que envolveu fortíssimos investimentos iniciais. Estima-se que o dinheiro preciso para abrir cada estabelecimento anda à volta de 300 milhons de pesetas. E para isto beneficiárom da ajuda de bancos nos quais também participárom com capitais próprios.

Escolher o nosso País como centro operacional da empresa surpreendeu muitas pessoas, já que a Galiza apresentava dificuldades logísticas evidentes para o transporte, nom tinha ligaçom com a meseta por vias de alta capacidade e sofria de limitaçons infra-estruturais internas. No entanto, o facto de contar com mao-de-obra barata ao pé da casa foi motivo suficiente para que ratificasse a sua decisom e nom optasse por outras áreas geográficas faltas deste género de vantagens competitivas.

O modelo de produçom da Inditex, baseado no 'just in time', funciona adaptando-se à procura do mercado, elaborando só as peças de roupa que vai vender de maneira a evitar gerar stocks nos armazéns. Para isto, precisa de trabalhadoras perto, que satisfagam com a celeridade necessária as encomendas de que necessitam as lojas em cada momento, sob ameaça de nom contar com elas noutras ocasions. Estas renovam parte da oferta umha média de duas vezes por semana para se adaptarem às tendências.

A chave do êxito empresarial partiu da premissa de "democratizar a moda", tornando-a acessível para o maior número de pessoas. Utilizam-se os padrons que triunfam na moda internacional com tecidos de menor qualidade para oferecer a roupa a melhores preços.

A Inditex nasce em 1979 como companhia matriz para abrir novos mercados e em 1985 regista-se como sociedade comercial, no mesmo ano em que aparece José María Castellano, o artífice da engrenagem da rede societária. Em 2005 abandonava o cargo e deixava o lugar a Pablo Isla, procedente da Altadis, como conselheiro delegado. Ao mesmo tempo, a companhia descentralizava os órgaos da máxima direcçom, mantendo, isso sim, Amancio Ortega como cabeça visível e máximo dirigente.

Nos primeiros dez anos do presente ano fiscal, a Inditex inaugurou 463 estabelecimentos novos, com umha média de aberturas de dez lojas por semana. Hoje tem mais de 3.600 locais em 66 países, a maior parte na Europa.

Tecendo umha rede impenetrável

O catedrático de Economia José María Castellano foi o responsável de artelhar o conglomerado de empresas que componhem o gigante Inditex, mais de umha centena de sociedades. Aplicando estratégias de diversificaçom contabilista e tecendo umha rede de companhias interligadas, conseguiu forjar um tecido que permite optimizar os resultados empresariais, reduzir ao máximo os tributos necessários e adaptar as contas aos requerimentos de cada momento. Conta com empresas dedicadas à fabricaçom, ao fornecimento de matérias-primas, à logística, à comercializaçom e a actividades complementares.

Na elaboraçom das peças de roupa as fórmulas de facturaçom variam dependendo de se partem do Estado ou doutras latitudes. A nível inter-estatal facturam os materiais originais e depois compram as peças manufacturadas, enquanto no Estado espanhol os cortes som enviados em depósito, sem facturar, pagando no retorno as quantidades solicitadas. Este factor pode dar pé a "operaçons financeiras pouco claras", conforme se assinala no ensaio 'De Zero a Zara', da autoria de Xabier Blanco e Jesus Salgado.

> Mais de cem sociedades formam a Inditex, o que permite optimizar lucros e reduzir gastos. Os donos do dinheiro protegem a gestom da empresa

A Inditex expande-se internacionalmente contando no início com sócios locais poderosos, tal como acontece no Japom ou em Israel, e depois decide bem implantar-se plenamente ou bem continuar contando com os sócios. Em regra, os estabelecimentos estám controlados directamente pola empresa, salvo excepçons como a de Nicarágua onde opera com franquícias.

A imparável internacionalizaçom, no entanto, deparou também com atrancos. Um exemplo recente está na Venezuela, onde nom deu cumprido os projectos de ampliaçom e acaba de ceder em franquícia os seus locais à Phoenix World Trading. Em 2002 umha greve provocou o encerramento das suas 23 lojas durante dous meses em todo o país e em 2004 tivêrom que fechar três dias ao serem acusados de fraude fiscal polo governo bolivariano.

Protegido polos donos do dinheiro

A re-estruturaçom do Conselho de Administraçom de 2005 deixou um quadro dirigente com representantes dos grandes poderes económicos tanto estatais como internacionais. Trás a cabeça de Ortega-Gaona situa-se agora como vice-presidente primeiro e conselheiro delegado Pablo Isla Álvarez de Tejera, procedente da Altadis, empresa de que é co-presidente. Foi director geral do Património do Estado no Ministério da Economia e secretário geral do Banco Popular. Na linha de poder segue-lhe Carlos Espinosa de los Monteros Bernaldo de Quirós, vice-presidente segundo e presidente da Comissom de Nomeameaçons e Retribuiçons. É também presidente do Conselho de Administraçom da Mercedes e da Chrysler no Estado, além de conselheiro da Acciona. Foi vice-presidente do Instituto Nacional da Indústria, assim como da Iberia e da Aviaco, entre outros cargos no sector dos transportes. Entre os conselheiros do grupo está Francisco Luzón López, o responsável pola área latino-americana da Inditex, que passou polo BBVA, foi presidente da Argentaria e transitou depois polo BSCH, onde ocupou o cargo de conselheiro director-geral, adjunto do presidente e responsável de estratégia, comunicaçom e relaçons institucionais. Como conselheira representante dos poderes norte-americanos, salienta Irene Miller, ex-directora da Barnes & Noble e membro de conselhos de administraçom de importantes transnacionais estado-unidenses. Juan Manuel Urgoiti López de Ocaña, como conselheiro independente, é presidente do Banco Gallego, vice-presidente da Acciona e conselheiro da Necso. Entre outros cargos que detém em museus de renome, foi premiado com a Gram-Cruz do Mérito Civil e nomeado 'Commander of the British Empire'. Foi conselheiro delegado do BBVA entre outros bancos e participou em empresas farmacêuticas. José Luis Vázquez Mariño completa o quadro executivo. É membro dos conselhos de administraçom do Banco Pastor e da Corporaçom Voz de Galicia e fijo carreira na Arthur Andersen, onde foi director financeiro e de recursos humanos a nível mundial.

Quanto à grande banca, Ortega mantinha umha relaçom de amizade com Emilio Botín, com quem costumava almoçar no restaurante corunhês Gallo de Oro. Mais tarde, no entanto, passou a marcar distâncias com este, a partir do fracasso da compra de Fenosa em 2005, quando o banqueiro o atraiçoou ao aceitar a posterior oferta da ACS, apesar de ter apalavrado antes com o grupo liderado por Ortega a venda das participaçons do SCH.

No entanto, o grande banco com que sempre trabalhou foi o BBVA, no qual Castellano contava com directivos que foram seus companheiros de viagem em diferentes projectos. Desta entidade financeira obtivo fundos em tempos difíceis para afrontar a internacionalizaçom da empresa e da mesma saiu a Affinity Card, o cartom de crédito desenhado para a Inditex.

Diferentes quantidades de cocaína aparecêrom em contentores de roupa da Inditex com baixa repercussom mediática

Suspeitas de narcotráfico e branqueamento de capitais

Os boatos a respeito da relaçom do crescimento económico com o tráfico de estupefacientes e o branqueamento de capitais soárom desde o início da expansom da Inditex. Seja como for, as instituiçons judiciais e as forças policiais nunca dêrom demonstrado tal suspeita. Ainda assim, em Março de 2001 empregados da fábrica de Sabom descobriam 26 quilos de cocaína de alta pureza num contentor vindo do Peru que passara por Vigo, segundo a Inditex, ou por Bilbau conforme às fontes governamentais. A empresa aduzia um recurso da concorrência para desprestigiá-los.

Também nesse ano, as autoridades localizavam 100 quilos de cocaína num contentor desembarcado em Vigo que fora transportado como 'gancho cego' para a Inditex, o que poderia nom ter vinculaçom com a empresa pola modalidade de transporte. Dous anos mais tarde, a Guarda Civil descobria no porto de Algeciras 11.200 quilos de haxixe num camiom de umha empresa inglesa de transporte que portava roupa procedente de Marrocos para as lojas de umha marca da Inditex.

> Cinco casos de tráfico de drogas com eco nos meios salpicárom a Inditex. As autoridades nunca provárom a sua relaçom. Acusam sociedades têxteis rivais

Conforme a fontes da empresa, em Dezembro de 2005 os serviços de segurança das instalaçons de Sabom encontravam 125 quilos de cocaína num contentor de roupa, outra vez procedente do Peru, que chegara através do porto de Vigo.

Em Portugal, o semanário o *Independente* publicava em 1996 que a Inditex estava a ser investigadas polos Serviços de Informação e Segurança (SIS) por participarem supostamente em operaçons de lavagem de dinheiro e narcotráfico desde havia mais de um ano segundo fontes oficiais. Os SIS teriam remetido o processo para a Polícia Judiciária por "se terem confirmado as suspeitas". Sem embargo, esta informaçom referenciada também polo diário *Público*, foi desmentida posteriormente polo semanário e polos próprios Serviços de Informação e Segurança em conferência de imprensa. A Inditex voltava a acusar a concorrência têxtil para justificar as origens das informaçons difundidas.

Um armador desconhecido

Amancio Ortega dedica-se também ao negócio dos barcos apesar de nom figurar nunca como armador directo dos negócios que controla. Desde 2003 conta com umha participaçom nom inferior a 49% nas companhias Vénus, Berlín, Covadonga e Guadiana, entre outras, todas com sede social em Las Palmas de Gran Canária. Apesar de nom ser esta a sua funçom, estám registadas como Agrupaçons de Interesse Económico. O objectivo de operar neste sector é reduzir cargas tributárias, dado que desde 1998 está em vigor umha lei que promove a renovaçom da frota mercante com incentivos fiscais.

Participa com a Ferrovial na Sociedade Burety, que controla as armadoras Naviera Eleava, Celeste e Miño. E com o SCH tem parte do controlo da Naviera del Sil.

Assim, consegue reduzir cada ano por volta de nove milhons de euros no Imposto de Sociedades. Cumpre salientar que em ocasions tem efectuado o pagamento de tributos com colecçons de roupa, como aconteceu no ano 2003.

Antonio Abril Abadín, no centro, é advogado do Estado em excedência

Blindado por um influente advogado do Estado

O secretário do Conselho de Administraçom da Inditex, Antonio Abril Abadín, é advogado do Estado em excedência. Exerceu o cargo na Delegaçom da Administraçom das Finanças da Corunha e na Delegaçom do Governo espanhol, para além de ser membro do Conselho de Administraçom do Banco Gallego. Está casado com María Ángeles Paredes Prieto, quem fora magistrada da Audiência Provincial da Corunha e solicitou a excedência voluntária no ano 2001. Fontes consultadas referem que Abril Abadín é o garante da blindagem judiciária e mediática da Inditex em virtude da sua posiçom e contactos, o que teria impedido que transcendessem à opiniom pública do Estado as acusaçons de plágio de roupa doutras companhias, tal e como aconteceu na França.

> O secretário geral da Inditex exerceu como advogado do Estado na Delegaçom do Governo espanhol na Galiza. É casado com umha magistrada da Audiência Provincial da Corunha, agora em excedência. Diferentes fontes assinalam que é o responsável da blindagem judiciária da Inditex. Umha publicaçom foi condenada por danar a honra da empresa

Conforme indica o ensaio 'Zarápolis' de Cecilia Monllor, na loja da Zara em L'Opéra de Paris verificárom-re numerosas rusgas policiais desde o início, motivadas por denúncias e pleitos da concorrência afectada. Estas denúncias nom pudêrom ser silenciadas ao estarem ao abrigo das firmes leis de protecçom francesas à sua produçom nacional.

A finais da década de '90, a revista 'Galicia Autonómica y Municipal' (GAM) publicava umha reportagem por entregas abordando diferentes irregularidades da Inditex. A reacçom da empresa foi fulminante: interpujo seis querelas contra a revista e os tribunais decidírom como medida cautelar proibir ao editor escrever novamente sobre a Inditex. Em 2001, o Julgado de Primeira Instância número 6 da Corunha aceitava a demanda por "intromissom ilegítima no direito fundamental à honra" e condenava a revista a pagar 15 milhons de pesetas à empresa, a publicar a decisom judicial e a "abster-se" de reincidir no dito delito.

Numha queixa judicial interposta contra Antonio Abril Abadín e outros dirigentes da Inditex, assinalava-se que este "conserva importantes amizades" e utiliza a táctica de "fazer amigos para sempre".

Entre as rocambolescas medidas empreendidas polo conglomerado empresarial para proteger as suas marcas ressalta o arrogante recurso contra a liga de basquete americana NBA por ter estas

A FÁBRICA de VILANOVA
casa de xantar - café - museo
Rua Vila Nova s/n
32.660 · Alhariz · Galiza
988 442 434

o Estado espanhol impom umha sangria económica os independentistas
Neste país, dar a cara sae caro
Colabora contra a repressom económica
2091 0395 21 3040001337

siglas similitudes "fonéticas, gráficas e conceptuais" com a sua marca N&B, ou a acçom interposta contra a marca do futebolista Zarra por manter semelhanças no seu nome com a empresa mais conhecida do grupo. Ambas fôrom tombadas polo Tribunal Superior de Justiça da Galiza.

Litígios judiciais com claro vencedor

O empresário corunhês José María Vecino Rodríguez e a sua mai María Esperanza Rodríguez Rojo apresentárom numerosas queixas judiciais contra a empresa por diferentes motivos, a começar pola controversa implantaçom da Inditex no polígono de Sabom. Na denúncia contra a concessom de licença por parte da Cámara Municipal de Arteijo indicavam que a empresa ultrapassa o limite de três alturas estabelecido na normativa do polígono e supera o espaço total permitido. No total, Vecino Rodríguez e Rodríguez Rojo apresentárom oito recursos administrativos, nove contencioso-administrativos, um acto de conciliaçom, seis denúncias e umha querela criminal. Após a sequência de iniciativas judiciais, que chegárom ao TSJG e à Audiência Nacional, a resposta dos tribunais foi o arquivamento das mesmas.

Em 23 de Dezembro de 1996. a mai do empresário, de 75 anos e inválida, era presa pola Polícia espanhola e passava quase 24 horas na esquadra da Corunha por ser accionista de umha empresa em suspensom de pagamentos. A sua detençom fora ordenada pola juíza María Rosa Freire Pérez, situada na cadeia de comando por baixo de María Ángeles Paredes Prieto, a mulher do dirigente da Inditex Antonio Abril Abadín. Este facto foi o detonador que levou Vecino Rodríguez a apresentar umha denúncia contra dirigentes da empresa e membros da judicatura por prevaricaçom e conspiraçom, ao considerar que houvera impedimentos no acesso à defesa e que se obstruíra a actuaçom da justiça por parte de um "autêntico grupo de pressom" em situaçom de "prevalência ilegal e usando obtusamente o ofício de juiz, de secretário judicial e outros para fins distintos dos que a lei estabelece". A querela indicava que Abril Abadín induzira a sua mulher e outra funcionária a prevaricar para evitarem que as decisons judiciárias prejudicassem a empresa. No ano 2000, o TSJG considerava como "temerária" a denúncia efectuada por Vecino e a sua mai sobre a "existência de umha trama criminal entre a Inditex e as duas magistradas", procedendo ao seu arquivamento.

A cadeia de intromissons denunciadas toca também o papel do advogado barcelonês Manuel Sáez Parga, com quem Vecino contava para apresentar umha das mais importantes querelas. Após ter-lhe pago as minutas correspondentes o letrado nunca apresentou a denúncia. Segundo manifestou o empresário, este teria recebido no seu escritório umha visita de Antonio Abril Abadín, que o teria convencido para nom cumprir o trato acordado. As empresas de Vecino Rodríguez e Rodríguez Rojo acabárom quebrando e NOVAS DA GALIZA nom conseguiu estabelecer contacto com eles apesar de tentar diferentes vias de comunicaçom.

Milhares de galegas trabalham nos seus fogares para a Inditex adaptando-se às suas necessidades produtivas. Em muitas ocasions tenhem que pagar as quotizaçons à Segurança Social, sem estarem vinculadas directamente à empresa. Na imagem, protesto de Mulheres Transgredindo contra estas práticas / GZI

Globalizando a exploraçom, explorando na própria casa

Os casos de sobre-exploraçom em países do Terceiro Mundo e a utilizaçom de crianças para o trabalho tenhem sido objecto de denúncia nas últimas décadas contra a Inditex e diferentes empresas do sector têxtil. Fôrom tratadas em detalhe no número 17 desta publicaçom (a Abril de 2004), disponível na hemeroteca do sítio web. A exploraçom internacional complementa-se com a produzida no território nacional e no norte de Portugal: a Inditex precisa de "respostas imediatas", o que requer disponibilidade permanente das mulheres que trabalhem nas suas casas sem relaçons contractuais com a grande empresa. O primeiro que se encarregou de estender a rede de cooperativas semiclandestinas foi o Padre Jorge López Neira, que percorreu o País buscando contactos até conseguir incorporar por volta de 2.500 mulheres. Realizou as gestons necessárias com diferentes entidades bancárias e mesmo conseguiu injecçons de capital por parte da Junta.

Ao longo dos anos de trabalho algumhas mulheres conseguírom ser inscritas na Segurança Social, ainda que muitas confessem suportar 100% das quotizaçons a pagar. Por vezes, tenhem que suportar jornadas interminàveis adaptando-se aos ritmos marcados pola empresa e assinam por tempos de trabalho inferiores aos realizados. A ameaça de perder as encomendas da maior empresa têxtil é o melhor aval com que conta o grupo para manter a sua dependência.

> A exploraçom internacional complementa-se com a gerada no território nacional e em Portugal. Sociólogos dim que a base do "milagre" está nas pequenas unidades de produçom "concebidas como instrumentos de alta produtividade a baixo custo". A Fundaçom Codespa atribuía-lhe em 2003 o prémio de "empresa solidária"

Os sociólogos Carlos Rabuñal e Marta Casal apontam que a base do "milagre Inditex" está nestas pequenas unidades de produçom "concebidas unicamente como instrumentos de alta produtividade a baixo custo". Diferentes sindicatos avalizam a situaçom como é o caso de Comissons Obreiras. Manuel Patiño, representante desta central, manifestara a sua admiraçom com as palavras "oxalá tivéssemos mais empresários como Ortega", ao mesmo tempo que reconhecia que na Galiza se mantenhem milhares de pessoas, mormente mulheres novas, como empregadas clandestinas na indústria têxtil auxiliar.

Um relatório do Ministério da Economia de 2003 analisava a situaçom do dinheiro negro nos últimos 20 anos. Neste relatório, as províncias da Corunha, Lugo e Ourense situavam-se entre as 12 com maior proporçom de dinheiro sujo, sendo a Corunha a quinta com maior percentagem de fraude fiscal, com 24% da sua produçom na economia submersa. O dinheiro negro gerado na Galiza ascenderia a 6.500 milhons de euros, conforme indica 'De Zero a Zara', o que representa mais de 21% do PIB galego.

A Inditex, ameaçada perante a opiniom pública polas denúncias de ONG's, rescindia no ano 2003 os contratos com 100 fornecedores por "condutas antisociais", ratificando desta maneira que estava a trabalhar com empresas que fomentavam a sobre-exploraçom laboral. Em 2005 renunciava a manter relaçons com perto de 400 novas empresas.

No entanto, em Maio de 2006, o semanário *Expresso* tirava à luz a exploraçom de crianças no norte de Portugal que confeccionavam calçado para umha empresa que trabalhava com a Inditex, o que obrigou a dar a cara à empresa para reconhecer o acontecido e anunciar mudanças. Mais perto, em Fevereiro de 2007, a CIG denunciava a situaçom de Chiquiplacha SL em Arteijo, empresa que trabalha para umha companhia do esquema de Ortega Gaona, em que duas filiadas à central nacionalista foram expulsas trás as eleiçons sindicais e se tinham produzido impagamentos de salários para além de outras situaçons de abuso de poder. A CIG falava entom desta como a "realidade que escondem as famosas auditorias defendidas pola Inditex nas suas subcontratas: a constataçom de graves irregularidades e a violaçom dos direitos fundamentais da classe trabalhadora".

A Fundaçom Codespa, cujo presidente de Honra é o príncipe das Astúrias e que trabalha em países em vias de desenvolvimento, atribuía à Inditex em 2003 o prémio de "empresa solidária".

NOVAS DA GALIZA
15 de Dezembro de 2007 a 15 de Janeiro de 2008

Amancio Ortega Gaona, escalando do anonimato na sombra ao cimo do poder económico internacional

Nasce oficialmente na localidade leonesa de Busdongo de Arbás em 1936 e logo vai dar a Tolosa, um concelho basco de forte arraigo independentista. Com o decorrer dos anos e por motivos laborais do seu progenitor desemboca na Corunha, a cidade onde gestará o seu empório económico e onde começa a trabalhar como moço de recados. Com 27 anos cria a empresa GOA e aos 39 abre a primeira loja da Zara.

Desde sempre umha auréola de mistério rodeou a sua identidade, fortalecida à medida que crescia economicamente. Mantivo-se à margem, fugindo dos meios e guardando o anonimato até a entrada em bolsa da empresa, quando seria impossível nom ser conhecido publicamente. A opacidade reforça-se no facto de a Comissom Nacional do Mercado de Valores (CNMV) ser o próprio gabinete de imprensa da Inditex, fazendo que o referente dos capitais espanhóis seja o que comunique as decisons estratégicas e os relatórios da companhia. Conforme a 'De Zero a Zara', nom dá um passo fora do local de trabalho sem a companhia do seu guarda-costas, conhecido como Manolo 'O Pistolas'.

Definem-no como um homem de poucos amigos, mas certos e leais, que sempre desconfiou das novas companhias. Reside nos 400 metros quadrados que lhe proporcionam os dous últimos andares de um prédio no bairro corunhês de Zalaeta. Mas conta também entre o seu património com o emblemático Paço de Ancéis, umha construçom do século XVII localizada em Cambre que comprou em 1991 por 200 milhons de pesetas. Tem um iate atracado em Sam Genjo, comprou um aviom Falcon 900 em 1990 e no 2000 adquiriu um Bombardier por 5.200 milhons de pesetas.

A herdeira do grosso da fortuna empresarial vai ser Marta Ortega Pérez, filha da segunda mulher de Amancio, Flora. Quando era criança foi educada por umha institutriz inglesa, segundo o ensaio 'Zarápolis'. Apaixonada polos cavalos, foi premiada polo pai com o Centro Hípico Casas Novas, o melhor da Europa, que lhe custou nove milhons de euros e foi inaugurado em Dezembro de 2000 num acto em que estivo presente Manuel Fraga Iribarne.

A herdeira da sua fortuna há ser Marta Ortega -à direita na foto- filha da sua segunda mulher, Flora Pérez. No entanto, umha fundaçom com o seu nome será a encarregada de administrar a empresa. Os homens fortes da Inditex som os seus patrons

Em Novembro comprava ao Banco Santander 10 edifícios emblemáticos que o banco continuará a utilizar em aluguer. Antes da operaçom já estava a ganhar 250.000 euros diários polos edifícios que arrenda. Em cinco anos tinha investido no sector uns 2.500 milhons de euros

Durante a sua trajectória empresarial, Ortega Gaona investiu em construtoras, concessionários de carros e motos de luxo, meios de comunicaçom como Antena 3, ou no Desportivo da Corunha. Posteriormente renunciou a várias das áreas de investimento e centrou-se em empresas relacionadas com a logística, energia, biotecnologia, agências de seguros, finanças e imobiliárias. Possui participaçons em Endesa, Fadesa, Iberdrola, Ferrovial, Mapfre, Fenosa e o Banco Pastor. Umha das suas apostas mais controversas foi a da construtora Astroc Mediterráneo, onde dispom de 5%. Com a sua entrada em 2006, o preço das acçons disparou-se. De se cotizarem a 8,6 dólares passárom a atingir em meses o preço de 97,7, caindo logo em pouco tempo ao verificar-se que o seu valor fora inflado artificialmente polo seu dono Enrique Bañuelos.

Para gerir o seu imenso património e assegurar a continuidade da empresa, criou a Fundaçom Amancio Ortega Gaona, aconselhado por José María Castellano. No patronato da Fundaçom estám presentes os homens fortes da Inditex

> Está a deslocar parte da gestom do seu erário para a Suíça. A Credit Suisse criou quase em exclusivo para ele o fundo Global Bolsa enquanto também conta com os serviços da helvética UBS

e é a entidade que detém o poder sobre a sociedade Gartler, que por sua vez controla o gigante Inditex.

Parte dos seus investimentos de envergadura canalizam-se através de Sociedades de Investimento Mobiliário de Capital Variável (Simcavs), como a Keblar, Alazán ou Gramela de Inversiones, em que participa com os dous grandes bancos do Estado. Agora está a deslocar parte da gestom do seu erário para a Suíça. A Credit Suisse criou quase em exclusivo para Amancio o fundo Global Bolsa, em que depositou parte das quotizaçons da Keblar, enquanto os a sociedade Alazán estám também cogeridos pola helvética UBS.

Com a entrada em bolsa acedeu pola primeira vez à lista Forbes, que enumera anualmente as pessoas mais acaudaladas do planeta. Em 2007 situava-se na oitava posiçom mundial com 20.000 milhons de dólares na sua fortuna declarada e, agora que finaliza o ano, estima-se que possui já mais de vinte e nove mil milhons, mais de metade do capital de que dispunha a inícios do ano o mais rico dos ricos, Bill Gates. O capital que acumula Ortega Gaona representa mais do dobro que fortuna que possui quem o segue no Estado, o presidente de Endesa e Acciona José Manuel Entrecanales. E está no terceiro posto das fortunas europeias.

A máxima de Amancio é "nom existe o nom", e assim avança em poder económico, que no capitalismo se traduz em poder sobre os poderes. Os trabalhos dos quais foi extraída boa parte destas informaçons, 'De Zero a Zara' e 'Zarápolis' tivêrom-no, nom por acaso, em conta. No primeiro agradecem-lhe nom ter "fechado janelas" para a pesquisa e dedicam-lhe o ensaio, enquanto no segundo manifestam a sua gratidom ao empresário por ter lido antes o livro e por manifestar as suas pontualizaçons.

Jogando ao Monopoly

Amancio Ortega lança-se com decisom ao negócio imobiliário a partir de 2001, quando multiplica a sua fortuna com a saída à bolsa da Inditex. Como fazia com a Zara, compra imóveis nos melhores sítios do mundo e escolhe aqueles que vam produzir fortes rendimentos patrimoniais. Por exemplo, em Madrid tem comprado edifícios nas ruas Serrano, Recoletos ou o Paseo da Castellana; na Via Laietana e o Passeig de Gràcia em Barcelona, ou em Roland Garros e os Campos Elíseos de Paris.

Em Novembro comprava ao Santander 10 edifícios emblemáticos que o banco continuará a utilizar durante décadas em regime de aluguer. Antes desta operaçom já estava a ganhar por volta de 250.000 euros diários polos edifícios que mantém em arrendamento. Em cinco anos tinha investido no sector imobiliário uns 2.500 milhons de euros.

A compra destacada mais recente ocorria em Dezembro, com a aquisiçom de dous grandes prédios em Boston e em Washington, este último num distrito comercial próximo à Casa Branca, investindo neles 175 milhons.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar Ginzo de Limia	**Casa Encantada** Betanços · Compostela	**A Fouce de Ouro** Bertamiráns · Ames	**O Pichel** S.Clara · Compostela
Alto Minho Catassol, 15 · Lugo	**A Casa da Triga** P. Maior · Ponte Areias	**O Fresco** P.Abastos · Ponte Areias	**A Revira** Ponte Vedra
Artábria Trav. Batalhons · Ferrol	**A Cova dos Ratos** Romil, 3 · Vigo	**Henriqueta Outeiro** Compostela	**A Revolta** Real, 32 · Vigo
Atreu! S. José, 8 · Corunha	**Fervesteiro** Adám e Eva · Ferrol	**Mádia Leva** M. Amor Meilám · Lugo	**Roi Soga** Travessa, 3 · Noia
Baiuca Vermelha Ponte Areias	**A Formiga** Redondela	**SRCD Palestina** Burela	**A Tiradoura** Reboredo · Cangas

faísca
local social - Galiza
Rua Toledo, 9 · Calvário · VIGO
faiscagz@hotmail.com

Rua Telheira, 9
(Zona Universidade)
aesmorg
LOCAL SOCIAL ★ OURENSE - GALIZA

ARRINCADEIRA
o ribeiro galiza

CULTURA

ÁLVARO LÓPEZ MIRA, DIRECTOR DA CÁTEDRA ALEXANDRE BÓVEDA

"Se hoje temos autogoverno, ainda melhorável, é graças ao tributo histórico de Bóveda"

JOSÉ E. VICENTE / A Universidade de Vigo e a Fundaçom Alexandre Bóveda acabam de fundar a Cátedra Alexandre Bóveda, sediada no campus de Ponte Vedra, num projecto partilhado por várias instituiçons. Investigará o galeguismo histórico e a biografia, o pensamento político e económico, e o legado do político nacionalista, fusilado em 1936 e convertido no ícone mais representativo da repressom exercida polo fascismo contra as forças nacionalistas e de esquerdas -a "Galiza Mártir". Falamos com o director da cátedra, o professor de Universidade e escritor Álvaro López Mira.

Álvaro López Mira dirige a Cátedra Alexandre Bóveda de Ponte Vedra

Porque umha Cátedra para Alexandre Bóveda?
Trata-se dumha questom de simples justiça histórica com um homem que foi o autêntico impulsionador e protagonista do movimento galeguista político na II República e de que se conseguira a aprovaçom do Estatuto do 36. Fomentará os estudos sobre Bóveda e a identidade nacional.

Mas, para além da modéstia de todos os reconhecimentos, como é que se gesta a ideia concreta?
Levava a germinar muitos anos, e contámos com a sensibilidade do Concelho de Ponte Vedra e da Universidade. Levamos muito tempo a impulsioná-lo, com muitos obstáculos, de jeito que após amarguras e avatares, foi possível.

Retomando a figura, dá a sensaçom de que é tabu para alguns, mas também pode chegar a ser tótem para outros, no sentido de que é possível que o mito nom nos deixe ver o sujeito.
Estamos começando a vê-lo. Queremos recuperar o político, o economista, o fazendista e o humanista em geral. Como economista, anticipa-se às ideias do Estado do Benestar. Foi um autêntico avançado para o seu tempo. E, evidentemente, é tabu pola sua trágica morte, e há que desmitificá-lo e levar à realidade a sua obra e a sua vida.

Tendes anunciado um Centro de Estudos e Documentaçom.
Finalmente só documentaçom, polo momento queremos resgatar o antes possível a documentaçom que poida achegar a família, que demonstrou umha generosidade absoluta, para a sua catalogaçom e digitalizaçom.

E anunciades um prémio para fomentar a investigaçom histórica.
A ideia é organizar um certame sobre ciências sociais ou económicas, e queremos que seja prestigioso, tanto pola dotaçom económica como polo júri.

Também biblioteca e congressos.
É difícil. Bóveda nom deixou muita obra escrita, e a sua vida foi curta, mas queremos fomentar actividades congressuais. Em 2008 centraremo-nos no fazendista que acreditava em que Galiza podia viver polos seus próprios meios.

O conjunto do seu pensamento, que actualidade tem hoje?
Toda. Se hoje a Galiza melhorou o nível de vida foi graças a termos Estatuto. Ainda que é melhorável, se o temos é graças ao que se aprovou na República, de que o grande impulsor foi Bóveda.

Mas fôrom iniciativas difíceis de comparar, por múltiplos factores.
Se existe Estatuto é graças ao nacionalismo histórico, senom seríamos provavelmente Castela a Mancha ou algo assim; agora podemos ser o que nós queiramos.

Isso nom está tam claro na Constituiçom, nom é?
Se o nacionalismo tivesse na altura a força do basco, teriamos conseguido metas mais altas, é responsabilidade nossa. O fascismo decapitou a causa galega.

E nom corre a Cátedra o risco de depender das instituiçons?
E o que nom? Mas o centro neurálgico é a Universidade, que se deve caracterizar pola independência intelectual, ainda que dependa do dinheiro público. Nom é perfeita, mas é do melhor num mundo complexo. Ainda que tenhas algo de razom, a diversidade das cinco instituiçons que a financiam pode garantir o equilíbrio.

BNG defende no Congresso reivindicaçom reintegracionista

NGZ / O BNG conseguiu arrancar do presidente espanhol o compromisso de estudar a possibilidade de se receberem as televisons portuguesas na Galiza. Esta hipótese, que multiplicaria a oferta audiovisual aquém-Minho, permitindo o visionado de centenas de filmes na versom original, foi umha reivindicaçom histórica do reintegracionismo, que chegou a criar umha Plataforma pola Recepçom das Televisons Portuguesas. Assumida depois pola Fundaçom Via Galego, vinculada à Mesa, chegou finalmente a Madrid através de Francisco Rodríguez, que alicerçou a proposta na Carta Europeia das Línguas Minorizadas. Mariano Rajoy criticou a iniciativa e deu prioridade ao conhecimento do espanhol. Por sua vez, Zapatero reconheceu existirem problemas económicos e técnicos para a implementaçom da medida, mas Via Galego já replicou que, com vontade, as dificuldades podem ser superadas e o próprio governo português prestou-se para facilitar a soluçom desses problemas.

ENTRELINHAS

Agália, a referência do reintegracionismo científico

IVÁN CUEVAS / Desde há mais de vinte anos, *Agália* é a referência internacional do reintegracionismo. Umha aposta por umha revista séria, científica, que rachasse com a invisibilidade da dissidência normativa na Galiza, conseguindo que as universidades mais prestigiosas do mundo tenham nas suas bibliotecas presença reintegracionista. Provavelmente, só a Associaçom Galega da Língua podia levar a cabo umha empresa assim, e o tempo demonstra que o fijo com éxito.

Com um desenho e umha organizaçom mais atrevidos do que acostumam as revistas científicas, estrutura-se nos últimos números à volta das secçons: "Estudos", "Relato / Poesia", "Notas" e "Percurso" (crónicas da actualidade cultural ou relacionada com o galego), às que às vezes se acrescentam entrevistas. A periodicidade, ademais, virou semestral, com números duplos que se achegam às trezentas páginas.

Se nos seus primeiros tempos o conteúdo da revista estava mais focado à socio-lingüística, agora é a literatura a que ocupa um espaço mais relevante nas suas páginas, facto ao que nom semelha ser alheia a direcçom do escritor e professor Carlos Quiroga. Mas o que nom mudou foi de certo a qualidade dos conteúdos, alinhados com as correntes principais do pensamento contemporáneo. Assim, no último número, correspondente ao primeiro semestre de 2007, podemos encontrar artigos enquadrados na lingüística de corpus (o de Paulo Malvar sobre a o Corpus Paralelo PALOP português-espanhol de Narrativa Pós-colonial) ou nas teorias de género (o de José Eduardo Franco e María Isabel Morán Cabanas sobre a mulher na oratória de António Vieira). Os artigos de Márcio Ricardo Coelho Muniz sobre os falares vicentinos na dramaturgia brasileira e de Joel R. Gômez sobre o ensaio frustrado de Guerra da Cal à volta de Machado de Assis completam os estudos publicados. Entre o resto de conteúdos, destacam a poesia de Roberto Sanmartim e Ricardo Oliveira e a narraçom de Ivone Ferreira, Maria do Céu Nogueira e Lúcia Bettencourt ou a nota de Dores Valcárcel Guitián sobre o oxímoro em María Mariño, entre outros. *Agália* pode conseguir-se em livrarias de todo o País ou por encomenda à AGAL.

A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

U-lo monstro?

BEATRIZ SANTOS

No outro dia chegou pola porta da consulta dum sexólogo corunhês, Santo António. Santo António? Sim, o mesminho. Assim sozinho com o seu corte de cabelo à taça, o seu hábito de cor castanha e a sua cara de tímido compulsivo. Ia sem o menino e sem o raminho de violetas (símbolo de virgindade). Queria ajuda, ajuda urgente...

Esta estória começa meses atrás na capela de Santo António de Corcubiom. Desde que a arranjaram, cada noite visitavam a capela dous anjos a brincar com o menino.

Umha das noites um dos anjos pediu a Santo António que vinhesse brincar com eles; o púbere pensou que aquele homem devia estar muito sozinho naquela capela tam vazia e que se devia aborrecer muito. Com o tempo, Santo António habituou-se a ir jogar com aqueles púberes loiros e repoludos. Deixou sair o trouleiro que levava dentro.

Numha ocasiom que andavam revoltos polo chao a brincar, umha das mans do anjo mais velho foi-se pousar 'naquela cousa' do Santo António. Que tens aí? Perguntou curioso o anjo. Nada, nom tenho nada, respondeu avergonhado. Tens, tens, eu apalpei algo, mostra-nos o que aí tens. Nom tenho nada aí. Nom quero brincar mais.

Os anjos insistírom noite após noite: mostra-nos o que tens aí, anda mostra-no-lo.

Quando iam embora a negaçom do Santo António voltava-se erecçom.

E noite após noite e erecçom após erecçom, os anjos continuárom a insistir até que nom puido mais e mostrou-lhes o que 'ali' tinha.

Deixa-nos apalpar-cha, anda deixa-nos. Nom, nom se pode tocar.

Santo António, quando os anjos iam embora, nom podia reprimir sonhar com aquelas maos repoludas apalpando-lha; e os anjos insistírom e insistírom até que nom puido mais e deixou que lha apalpassem; e tivo umha erecçom à frente deles. Ala! Se lhe acontece o mesmo que a nós quando nos apalpamos; levanta-se-lhe e pom-se-lhe dura; parece umha chupeta dixo o mais velho; deixa-nos que cha chupemos, entre nós também o fazemos. Que nom, fora daí; mas quando os anjos iam embora Santo António sonhava com aquelas bocas rosadas chupando-lhe 'ali'. Noite após noite os anjos insistírom e insistírom até que o Santo nom puido mais e deixou que 'lha' chuparam, lha apalparam, lha olharam... mas de dia, quando os anjos iam embora, Santo António de Corcubiom nom podia com a culpa; nom eram mais que meninos, anjinhos, púberes do ceio e Ele, Ele era um mal homem; um monstro.

E nom agüentou mais e foi-se da ermida, deixou o menino, o ramo de violetas e foi para a Corunha. E assim foi como numha manhá fria de Natal apareceu polo consultório do tal sexólogo...

A GALIZA NATURAL

Reserva da Biosfera do Eu

JOÃO AVELEDO / No passado mês de Setembro, a UNESCO aprovava a candidatura da Reserva da Biosfera do Rio Eu, Ozcos e Terras de Burão. As reservas da biosfera são porções de ecossistemas terrestres ou costeiros onde se procura reconciliar a conservação da biodiversidade com o seu uso sustentável. Com esta declaração tenta-se proteger 158.883 hectares da bacia do Eu pertencentes aos concelhos de Riba d'Eu, Castro Pol, a Veiga de Riba d'Eu, S. Tisso de Avres, Taramúndi, Travada, a Ponte Nova, Ribeira de Piquim, Valeira, a Fonsagrada, Negueira, Vila Nova de Ozcos, Santalha de Ozcos e S. Martim de Ozcos.

A Ria do Eu destaca-se como local de invernada para aves aquáticas, estando incluída na Convenção Ramsar, um tratado internacional sobre a conservação de zonas húmidas de importância internacional. Outro dos valores naturais desta ria encontramo-lo nas pradarias de *Zoostera* dos seus fundos, as mais extensas de todo o Cantábrico.

O rio Eu deleita-nos com espectaculares paisagens. Os seus bosques de ribeira estão relativamente bem conservados e nas suas águas, livres de barragens, abundam salmões (*Salmo salar*), lampreias (*Petromyzon marinus*), mexilhões-de-rio (*Margaritifera margaritifera*) e, ainda, os, cada dia mais raros, lagostins-de-patas-brancas (*Austropotamobius pallipes lusitanica*), agora em perigo de desaparecimento na Península pola introdução de um competidor exótico, o lagostim-vermelho-da-Louisiana (*Procambarus clarkii*), portador da afanomicose, doença fúngica mortal para o lagostim-de-rio autóctone.

Montanhas de xistos e piçarras, com relevos antigos que atingem os 1200 metros de altura na Serra da Bóvia. Montanhas de garranos e lobos, de azevinhos e teixos, de palhoças e cortins. Montanhas com um subsolo particularmente rico em limonite, um mineral de ferro explorado aqui desde épocas castrejas. Múltiplos são nestas terras os testemunhos da sua tradição metalúrgica: ferrarias como a dos Teixões em Taramúndi ou a de Bogo na Ponte Nova, minas como as de Vila Oudriz, que funcionaram até 1964, ou altos fornos como os da Ponte Nova, hoje apenas uma sugestiva amostra de arqueologia industrial. Em 1749, em Ferreirela dos Ozcos, nasceu o Marquês de Sargadelos, o empreendedor que sonhou uma revolução industrial baseada na siderurgia e na cerâmica que conduzisse a Galiza à modernidade, o aristocrata iluminista que enfrentou a reacção, que finalmente vitoriosa arrastaria o seu cadáver polas ruas de Riba d'Eu.

Ainda está por se ver se a protecção deste espaço natural fica só numa promoção turística ou se tem objectivos reais. Perguntamo-nos, p. ex., se se paralisarão as obras de consolidação da Ponte dos Santos, expressamente proibidas polo Ministério de Meio Ambiente dado o seu impacto ambiental sobre a ria ou se se parará a contrução de parques eólicos que ameaçam o horizonte destas serras?.

LÍNGUA NACIONAL

Quanto mede um Centímetro?

VALENTIM R. FAGIM

◆

Grupo G: Aquelas pessoas que vivem o Galego como umha Língua.

Subgrupo G1: Recentemente veu a lume um Manual Galego de Língua e Estilo que bate o ponto e nos acautela naqueles aspectos onde nos deslizamos para o portunhol. Neste sentido é umha ferramenta imprescindível, original e única.

Subgrupo G2: Nas mesmas datas nasce a Associação Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa que servirá entre outras cousas para inserir a Galiza 'institucionalmente' na Lusofonia. Neste sentido é umha ferramenta imprescindível, original e única.

Estando os subgrupos G1 e G2 integrados em G, seria especialmente desejável que ambas as notícias provocassem o seu regozijo. E provável, além de desejável, que na maioria dos casos assim tenha sido, mas também é certo que existem integrantes de G1 a acharem que G2 nom é patriótico/nacional e membros de G2 a considerarem que G1 é regional.

Quanto mede entom um centímetro? Segundo a wikipédia, um centímetro é umha unidade de comprimento igual a 0,01 metros. Ao que parece isto é assim em cada um dos países do planeta Terra. Na Galiza, no entanto, às vezes um centímetro equivale a um quilómetro o que, especialmente com umha orografia tam acidentada como é a nossa, pode dar para nom ver-se.

CINEMA PARA PENSAR

'Rádio Favela', esperança e poder do povo do Brasil

FRANCESCO TRAFICANTE / No Brasil está-se a fazer um cinema mui interessante, sobretodo porque dada a situaçom da distribuiçom da riqueza, quase sempre vem a ser obrigado a ser um cinema de tipo social. Este filme do ano 2002, realizado por Helvecio Ratton, e que na versom original na nossa língua é "Umha onda no ar", fala de quatro amigos de Belo Horizonte com inquietudes sociais que, para tentar mudar a situaçom de cerco mediático das grandes empresas de comunicaçom, onde os pobres das favelas nom tenhem voz, vam tentar montar umha emissora pirata. A história é real e a sua aventura tivo lugar a começos dos anos 80, algo que podemos saber no filme tanto pola música rap presente nele, como nas danças de breakdance que organizavam os rapazes da rádio junto aos jovens da favela em que moravam. A favela, à que popularmente também se lhe chama morro, significando esta palavra outeiro ou colina, é onde se assentam estes 'bairros de lata' da populaçom mais miserável, na periferia das grandes cidades, reservado o centro, asfaltado e com todo tipo de serviços para as classes médias e mais privilegiadas da sociedade brasileira. Vemos ao longo do filme os discursos contundentes do Jorge, o verdadeiro protagonista, contra o poder estabelecido, denunciando os abusos da polícia, a promoçom da droga entre os pobres quando os verdadeiros delinqüentes som os ricos que se lucram desse negócio, o racismo, a falta de oportunidades para estudar e trabalhar dos habitantes das favelas, etc. Isto nom demora em zangar a polícia, os políticos da direita que na altura governavam o país, fechando a emissora várias vezes, mas sempre surgindo de novo graças à solidaridade da gente do 'morro', que nom estava disposta a renunciar à única voz autenticamente livre que se podia escuitar na rádio. O filme é um filme de esperança, pois afinal nom só foi legalizada a emissora, mas também recebeu vários prémios de organismos internacionais como a O.N.U. pola sua promoçom da cultura e da liberdade de expressom.

Mas ao mesmo tempo, sendo um filme de esperança, com umha mensagem de que a gente unida pode chegar a vencer o poder, nom por isso oculta a situaçom de dificuldade que se vive nas favelas, pois vários dos protagonistas do filme morrem pola violência extrema presente nas favelas, tanto pola cultura de vingança instalada numha comunidade que vive numha situaçom extrema, como pola luita polo controlo do tráfico de drogas.

27 DECEMBRO 2007 VIGO
GALIZA-CAMERÚN
ESTADIO MUNICIPAL DE BALAÍDOS. ÁS 21.00H.
GALIZA-BRAGA
SELECCIÓN MASCULINA SUB 18
ESTADIO MUNICIPAL DE BOUZAS
ÁS 10.00H.
GALIZA-BRAGA
SELECCIÓN MASCULINA SUB 16
ESTADIO MUNICIPAL DE BOUZAS
ÁS 12.00H.
GALIZA-BRAGA
SELECCIÓN FEMININA SUB 16
ESTADIO MUNICIPAL DE BOUZAS
ÁS 13.30H.
GALIZA-BRAGA
SELECCIÓN FEMININA SUB 18
ESTADIO MUNICIPAL DE BOUZAS
ÁS 15.30H.
GALIZA-CATALUNYA
SELECCIÓN FEMININA
ESTADIO MUNICIPAL DE BALAÍDOS
ÁS 18.30H
RESERVA XA A TÚA ENTRADA
www.deportegalego.eu
www.ofutbolgalegoune.eu
ou chama ó teléfono:
902 905 051
o fútbol galego une
XUNTA DE GALICIA
CONSELLERÍA DE CULTURA E DEPORTE
Dirección Xeral para o Deporte
FUNDACIÓN DEPORTE GALEGO
realclubceltadevigo
CONCELLO DE VIGO
caixanova
Estrella Galicia
GADIS
TELEVISIÓN DE GALICIA

NOVAS DA GALIZA
15 de Dezembro de 2007 a 15 de Janeiro de 2008

DESPORTOS

O crescimento do futebol feminino na Galiza, assim como no Estado espanhol, fica muito longe da maior parte dos países europeus, sendo apenas 2% das fichas registradas pertencentes às mulheres

O futebol também vai ser cousa de mulheres

SAIRÁM AO CAMPO NUM QUASE DE CERTEZA VAZIO BALAÍDOS APÓS DOUS ANOS DE SELECÇOM FUTEBOLÍSTICA MASCULINA

A criaçom da equipa feminina de futebol, apesar de ser para disputar um jogo amigável pola falta de vontade institucional para caminhar para a oficialidade, era unha dívida pendente com as mulheres galegas jogadoras deste desporto. Resultava todo um agravo comparativo que depois de dous anos de recuperaçom da selecçom masculina, as mulheres ficassem de novo à margem.

ZÉLIA GARCIA / A criaçom da equipa feminina de futebol, apesar de ser para disputar um jogo amigável pola falta de vontade institucional para caminhar para a oficialidade, era unha dívida pendente com as mulheres galegas jogadoras deste desporto. Resultava todo um agravo comparativo que depois de dous anos de recuperaçom da selecçom masculina, as mulheres ficassem de novo à margem.

Debute este em que, por desgraça, as mulheres sairám ao campo num quase de certeza vazio Balaídos, pois serám convidadas de pedra num encontro do "futebol galego que une", mas que tanto em cartaz, como em publicidade, assim como na difusom deste evento os protagonistas som os de sempre: os onze jogadores masculinos do Galiza-Camerons.

Caberia perguntarmo-nos porque nom se apostou por fazer numha data específica a estreia das seleccçons femininas - já que também jogam a sub 18 e sub 16 contra Braga- e assim dar o merecido espaço a todas estas jogadoras.

Para além disso as mais velhas enfrentam-se à selecçom catalá, outra selecçom nacional sem reconhecimento, polo que numha jornada que contasse com algo mais de exclusividade, poderia-se converter este encontro numha festa de reivindicaçom política pola oficialidade e de solidariedade internacionalista, assim como de apoio às mulheres que levam anos luitando pola sua visibilizaçom no desporto masculino por antonomásia.

Siareiras Galegas emitiu um comunicado onde se salientava que "ainda valorizando o passo à frente que significa esta convocatória, nom concordava com que o jogo das mulheres fosse apresentado como um petisco do posterior Galiza - Camarons".

Situaçom do futebol feminino

E é que esta estreia nom se pode entender sem o que se pode definir como o renascimento do futebol feminino na Galiza desde há pouco mais de cinco ou seis anos. Se na década de oitenta havia três ou quatro equipas: o Celta de Vigo, o Karbo da Corunha , o Maravilhas, também da Corunha; e o Chorima, de Ferrol; neste momento podemos falar da maciça participaçom galega na Primeira Nacional Feminina G-2 (que agrupa equipas do norte do Estado e que seria como umha segunda divisom), assim como também há que destacar a criaçom de ligas femininas por toda a Galiza.

> NESTE MOMENTO ASSISTIMOS À GRANDE PRESENÇA GALEGA NA PRIMEIRA NACIONAL FEMININA G-2, EQUIVALENTE À SEGUNDA DIVISOM. E HÁ QUE DESTACAR A CRIAÇOM DE LIGAS FEMININAS POR TODA A GALIZA

E ainda que nom contamos com nengumha equipa galega na Superliga (equivalente à 1ª Divisom), sim que participam seis jogadoras galegas na emigraçom, assim como muitas outras em liga nacional.

Verónica Boquete, umha das estrelas da Superliga feminina com o Prainsa Saragoça , provém do Juventude de Aguinho, em Ribeira, e para ela está claro que as causas da falta de apoio ao futbol de mulheres "é algo que non se entende, porque o orçamento que precisariam seria menos que o que recebe um jogador qualquer. Fala-se de igualdade a partir da base, mas som eles os que tenhem o dinheiro e as instalaçons para predicarem com o exemplo e apostar pola nossa categoria. Precisamos apoio dos clubes, mas também da imprensa e da sociedade em geral". Esta rapariga, internacional e consolidada, viu-se na obriga de emigrar "como os meus avós", para triunfar neste desporto.

Atrancos pola base

O crescimento do futebol feminino na Galiza, assim como no Estado espanhol, fica muito longe da maior parte dos países europeus, sendo apenas o 2% das fichas registradas pertencentes às mulheres.

O principal problema para a consolidaçom é a falta de competiçons para raparigas. Nas categorias benjamim e alevim nom há liga feminina, mas as raparigas podem inscrever-se em equipas mixtas. As dificuldades começam ao pasarem à categoria infantil, entre os 12 e 14 anos. As raparigas já nom podem jogar em equipas mixtas e ainda nom existem competiçons específicas para elas, polo que muitas acabam deixando este desporto.

A escassa presença das mulheres em categorias superiores de futebol profissional e o seu rápido abandono da prática deste desporto, considerado tradicionalmente masculino, nom se deve à falta de interesse das mulheres, mas ao escaso apoio e nulos recursos tanto económicos como de acceso que existem.

Estereótipos machistas

Em geral as mulheres praticam desporto mais como um exercício ligado ao cuidado do corpo, ir nadar, correr... que como actividade de competiçom. Patrons e estereótipos culturais, muito mais que as diferenças biológicas, colocadas tantas veces como desculpa, marcam um papel masculino e feminino diferenciado desde idades muito precoces nas escolas ou nas casas à hora de praticar um desporto. Porque para além de haver jogadoras, som muitas as mulheres que optam por exercerem como treinadoras ou árbitras, mas som quase invisíveis ou simples anedota.

De facto, nom podemos esquecer que ainda persiste na sociedade a ideia de que o futebol é um desporto apenas para machos. Mesmo parece que há relaçom entre o desporto predominante e o grupo dominante, e que esta actividade desportiva tem de ser umha expressom da sua própria posiçom social. E também poderiamos falar de que as mulheres reagem afastando-se ou mesmo combatendo essa posiçom para acabar com a dominaçom, mesmo no campo dos símbolos.

Mas a luita por conseguir o direito à igualdade e ao respeito, a nom ter nenhum espaço vedado, nem de lazer nem de desporto, como neste caso, é um combate que as mulheres levam a fazer desde há muitos anos como para nom nos preocupar deste ámbito.

De todas maneiras, mesmo no mundo do futebol mais mediático e de massas também está a mudar a própria posiçom das mulheres pola sua participaçom. O seguimento do futebol como espectáculo desportivo por parte das mulheres incrementou-se nos últimos quinze anos, passando de 31% em 1990 a 61% em 2005, segundo um estudo publicado polo Instituto da Mulher.

AINDA PERSISTE A IDEIA DE QUE O FUTEBOL É PARA MACHOS. MANTÉM-SE A RELAÇOM ENTRE O DESPORTO PREDOMINANTE E O GRUPO DOMINANTE, COMO SE TIVESSE QUE SER UMHA EXPRESSOM DA SUA POSIÇOM SOCIAL

À hora de mudar esterótipos o desporto tem ainda muito para fazer, fomentar o interesse e a participaçom das mulheres nos desportos de grupo é também tarefa pendente das Conselharias de Educaçom e Cultura, as duas dirigidas por mulheres.

Todas estas jogadoras de futebol de que falávamos estám muito longe das 'ligas das estrelas', recebem muito menos que os homens -se o fam-, mas podem ser elas as que reconduzam o futebol ao seu lugar: um desporto mais do que um simples negócio e mercadoria de consumo.

Desde o XIX batendo na bola

O documento mais conhecido sobre os começos do futebol feminino datam de 1894 quando Nettie Honeyball, umha activista dos direitos das mulheres, fundou o primeiro clube desportivo denominado British Ladies Football Club. Durante a Primeira Guerra Mundial, e com a incorporaçom maciça das mulheres como força de trabalho, muitas fábricas tinham as suas próprias equipas de futebol.

A treinadora: Pilar Neira

Tem no seu haver dous campeonatos de Espanha como jogadora de futebol nas filas do Karbo. Também com o Karbo, Neira participou em dous torneios Cinco Naçons, conseguindo o subcampeonato em Orleáns (França). Mas um dos melhores momentos da sua carreira foi ganhar com a Galiza na época 84-85 o Campeonato de Espanha no Camp Nou. Também pertenceu à primeira promoçom de mulheres que obtivêrom o título de treinadora.

Galiza naçom, oficialidade!

RODOLFO FERNANDES / No próximo 27 de Dezembro as selecçons nacionais de futebol sairám ao relvado do Estádio de Balaídos em Vigo sendo para muitos um dia qualquer e, para outros, simplesmente um trámite anual para comprazer as, noutra altura, dignas proclamas. Para os e as Siareiras Galegas será mais umha jornada neste longo caminho andado há já mais de umha década para o pleno reconhecimento nacional das nossas selecçons.

O 27 de Dezembro voltaremos a sofrer a marginalidade que nos depara a antidemocrática legislaçom desportiva espanhola, mas também evidenciará a existência dessa outra Galiza que nom se rende e que dia-a-dia acumula forças, nomeadamente a Galiza que os e as Siareiras Galegas e outras organizaçons e colectivos representa e que demonstrará mais umha vez a inquebrantável vontade do povo trabalhador galego para lograr a plena oficialidade para as nossas equipas nacionais.

Estamos conscientes de que enfrentamos um longo caminho e que ultrapassar o obstáculo da negaçom e regionalizaçom do nosso desporto será umha tarefa monumental em que teremos que confluir e golpear junto a outros colectivos, projectos e organizaçons. Mas a nossa vontade é firme e assim como superámos a travessia polo deserto que significou o que parecia umha inútil luita contra o muro levantado polo fraguismo e que nos negava a recuperaçom das nossas selecçons nacionais, estes dous anos fôrom umha boa amostra de que os e as Siareiras Galegas estamos preparados para um combate de grande alento, que temos a certeza de que vamos ganhar.

Nem o espanholismo mais rançoso nem uns gestores acomplexados e temerosos da reaccom dos meios de comunicaçom espanhóis impedirám que a Galiza avance no caminho da oficialidade em troca de um punhado de jogos amigáveis, alguns deles realizados numha penosa, para os e as deportistas e para nós próprios, clandestinidade.

Campanha para a oficialidade e preparativos para 27-D

No passado 10 de Novembro os e as Siareiras Galegas realizárom umha nova Assembleia Nacional onde esbozárom o que virá a ser a campanha nacional que culminará na jornada de 27 de Dezembro e que desta vez terá o seu eixo na reclamaçom da oficialidade para as federaçons e selecçons nacionais.

A legenda escolhida é 'Galiza naçom. Oficialidade' e se nos dous anos anteriores as campanhas desenvolvidas insistiam em que era preciso superar o plantejamento do jogo de Natal nos termos de umha simples festa ou celebraçom pontual, este ano a nossa intençom é ir além e converter a nova campanha num ponto de partida para a acumulaçom de forças e vontades para o novo repto que entendemos deve enfrentar o desporto galego, a luita pola oficialidade.

Como aconteceu nos dous anos anteriores estamos investindo muitos esforços na preparaçom do ambiente necessário para a jornada de 27D. Perante o que consideramos um imperdoável abandono por parte das instituiçons e o nulo interesse mostrado através dos meios de comunicaçom espanhóis, é o movimento popular o encarregado de aquecer o ambiente com a organizaçom das mais variadas actividades relacionadas com a defesa das selecçons nacionais. Assim, em numerosas vilas e cidades do País estamos a organizar apresentaçons do trabalho audiovisual que editámos recentemente intitulado: '1996-2006. 10 anos de luita por Galiza', palestras e mesas-redondas, festas, concertos ou campionatos de matraquilhos. Todo com o objectivo de tensionar e criar ambiente para as actividades programadas para 27 de Dezembro e os jogos das selecçons.

Este ano contamos com umha novidade importante, que é o debute da selecçom feminina de futebol que em parte vai modificar as rotinas dos dous anos anteriores. De Siareiros Galegos já temos valorizado no seu momento os aspectos positivos deste debute, já que salda umha dívida histórica com o desporto e as mulheres, mas também os seus aspectos negativos, já que se apresenta como um petisco prévio ao jogo da equipa masculina. Porém entendemos que além das consideraçons que mereça a organizaçom do jogo contra Catalunha, o nosso compromisso é promover umha maciça assitência e para isso organizaremos as viagens partindo do resto das comarcas.

Assim, a jornada começará às 18h00 com a assistência ao Galiza-Catalunha para depois deslocarmo-nos às Travessas de onde partirá a manifestaçom nacional até as imediaçons do Estádio de Balaídos, onde após a leitura do manifesto e o encerramento da mobilizaçom, assistiremos ao Galiza-Camarons.

De Siareiros Galegos temos a certeza de que o trabalho desenvolvido ao longo destes meses, desde a jornada de 28 de Dezembro no passado ano na Corunha, possibilitará umha nova e importante demonstraçom de força da esquerda soberanista galega, desta vez para reclamar o reconhecimento dos nossos direitos nacionais no terreno desportivo. Porque somos naçom e a oficialidade é um direito... todos e todas a Vigo o dia 27 de Dezembro.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubríndose a Historia da nosa nazón, divulgándoa e póndoa en valor.

No último número apreséntase unha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscríbete!

Nome Apelidos
Enderezo
Localidade CP Teléfono
Solicito: Subscrición Máis Información
Enviar á Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

www.revistamurguia.com

NOVAS DA GALIZA
APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 692 060 607 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	A FUNDO	11
EDITORIAL	3	REPORTAGEM	9
NOTÍCIAS	4	CULTURA	15
ANÁLISE	10	DESPORTOS	18

CÉSAR GALDO / VIEIROS

JOSÉ IGNACIO FERNÁNDEZ PACIOS, 'NACHO' | DESPORTISTA

“Nom é legítimo que utilizem o desporto galego como ponte para outros interesses”

ANTOM SANTOS / Foi um dos desportistas mais conhecidos do futebol galego. Ganhou merecido prestígio no Compostela de inícios de 90, quando recebera a qualificaçom de 'melhor lateral da liga'. Converteu-se numha referência dos siareiros ao manifestar o seu dessinteresse total por jogar com a selecçom espanhola, e suportar um assédio mediático da imprensa desportiva, com especial protagonismo da 'cadena SER'. Umha década depois, nos tempos da linguagem branda e a correçom política, continua a falar tam claro como sempre. Conversou com o NOVAS DA GALIZA sobre a canteira, os meios de comunicaçom, e a política desportiva desta Junta.

- Continuas ligado ao mundo do futebol através dos meios de comunicaçom, concretamente como locutor da TVG. Qual é o papel que jogam os meios no fomento do desporto?

- A relevância que se dá ao futebol nos meios galegos é, como se sabe, grande. Ora, atende-se aos clubes galegos, e isto nom é exactamente sinónimo de 'futebol galego'. Temos umhas categorias modestas interessantes, temos umha terceira divisom, temos umhas categorias inferiores mui vivas...mas isto nom interessa tanto como o espectáculo profissional. Por nom falar de que outras modalidades desportivas carecem de espaço.

- Na tua época o futebol era outra cousa: menos marketing, maior discreçom dos jogadores...

- O futebol era um grande negócio, mas podemos dizer que os futebolistas eram um 'produto desportivo'. Hoje som um produto em geral, o suporte de promoçom de grandes empresas. Nós saíamos do campo, e éramos pessoas, hoje um jogador fora do estádio continua a ser perseguido, é umha mercadoria mais. Há interesses económicos mui fortes que querem que isto continue assim, e quando lhe interesse outra cousa, pois abandonarám este espectáculo, e irám por outro. Assim funciona o lucro.

- Significache-te sempre pola defesa da canteira. Percebe-se um progresso, apesar do mercado mundializado de futebolistas?

- Há gente mui interessante nas categorias inferiores, o problema vem à hora de saltar daí à profissionalizaçom. Há umha falta de ambiçom por parte das direcçons técnicas dos clubes, dos treinadores, reforçado polos meios de comunicaçom. Assim, muitos jogadores jovens ficam a meio caminho. Isso sim, quando a equipa passa por apuros, bem que se recorre a eles e se pretende que solucionem o 'atasco' desportivo.

- E que dirias da vontade política quanto à canteira?

- Vou ser mui claro, ainda que doa. Alguns levávamos luitando anos contra a ditadura que existia no futebol galego, e por mudar o sentido do futebol modesto. Hoje, levamos dous anos de mudança política e eu continuo sem ver nada. Estou vinculado ao desporto de base na Marinha, e vejo as carências, conheço a falta de apoio real, sei dos malabarismos que precisam as equipas para fazer frente aos gastos...nada de nada.

- A promoçom da selecçom supujo um ponto de inflexom?

- Pois nom, a verdade é que nom. As expectativas nom fôrom atingidas. Umha cousa é o movimento popular, que levou correctamente a reivindicaçom à rua, e outra as autoridades. À margem da questom da oficialidade, que essa batalha deve dar-se em outros foros, há carências tremendas. Onde está a promoçom institucional da selecçom, nestes momentos primeiros, que é tam importante para assentá-la? Onde está umha equipa técnica que supervise a trajectória dos jogadores galegos em todas as equipas que jogam, espalhados polo mundo adiante? Onde está umha organizaçom interna eficaz para as convocatórias, as concentraçons?.

- Qual é a tua relaçom com os responsáveis do desporto da Junta?

- Fum delegado da selecçom no primeiro ano, em 2005, porque se me pediu. Vim como funcionava todo, e decidim ir-me embora. A secretaria geral para o desporto, e em geral o BNG, aproveitou o reclamo publicitário da selecçom: depois disso, já nom se preocupou de nada, deixou todo à toa. Assim nom se pode funcionar. Ora, o que está claro é que Santi Domínguez sabe pouco de desporto, e aproveitou a selecçom como ponte para outros interesses. E no tempo que levamos com Marta Souto (actual responsável da secretaria geral) todo continua na mesma.

Porvir

◆

QUICO CADAVAL

◆

É um tópico frequentemente aceite que a passagem pola cadeia concede a quem a sofre umha aleaçom secreta no metal da sua alma. Nom faltam exemplos célebres de como o lagar penitenciário tira com o seu rigor o melhor mosto dos nossos espíritos. Cervantes escreveu na cadeia um bom pedaço do Quixote, e no filme "Pani e tulipani" podemos ver como um melancólico preso finlandês aprendeu italiano na sua cela com a leitura do "Orlando furioso"; e, graças a esse entretenimento, converteu-se numha pessoa melhor, como promete o sistema penitenciário. Também escreveu na paz da cela Adolf Hitler, o influente livro "A minha luita". Nom sempre os efeitos da prisom fôrom tam beneficiosos como os casos citados. Oscar Wilde, provavelmente a inteligência mais aguda de Ocidente, provou a cadeia, e o engenho das suas frases, espumantes e vazias, deu passo a outras de amarga sabedoria que nom tinham graça nengumha. Os motivos da pena eram diferentes nos quatro exemplos. Wilde foi condenado por conduta inadequada, e os anteriores por crime fiscal, assassinato paixonal e conspiraçom subversiva respectivamente. Nom alcanço a saber se há relaçom entre os delitos e os efeitos terapéuticos.

Oscar Wilde dizia: "Sei que os espectadores cansam quando a peça dura muito. A minha tragédia durou demais, e já se sabe que o final vai ser cruel. Ninguém vai esperar para aplaudir" Uns amigos meus, ex-presidiários, confirmárom-me as palavras de Wilde. As primeiras acçons que os levaram ao caxó tiveram muitos aplausos. Depois os fans fôrom retirando-se discretamente, e deixárom os artista sós no palco. Eu fum um dos desertores.